PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 5
ANO 1
AGOSTO/2019

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Pixé de novo! Pixé pro povo! Publicamos novamente uma edição riquíssima. Convém perguntar: quem avalia essa emulativa afirmação? Será o público? Serão os críticos? Quem terá a mercê de dizer o que é bom e o que é mau? Como toda ciência, os estudiosos da literatura reivindicaram o poder de classificar. No mais das vezes, fantasiam-se de cardeais para canonizar este ou aquele escritor. Terá lógica essa antiga prática? Será possível fugir da sombra dos clássicos? No contemporâneo, ainda resiste os conceitos de "alta literatura" e de "literatura universal"? Esses jogos de poder estão manjados, ninguém se engane. É claro que há escritores melhores que outros e livros de um mesmo escritor mais e menos consistente. No entanto, afirmar desníveis ganhou status de crime. Quem se arriscará a ser condenado por categorizar, por classificar, por escolher, numa palavra, por criticar?

Hoje em dia, os estudos culturais invadiram a praia da crítica literária e querem desnudá-la a todo custo. A palavra de ordem é relativizar. Relativiza-se tudo: o estilo, o tema, a geografia, a história, os personagens. Surgiu conceito contextual de "local de fala", expressão surrada de tão usada. O cânone passou a ser sinônimo de manifestação de poder, um instrumento incestuoso entre universidades, editoras, mídia e público. Assim como se paga por um lugar ao sol nas prateleiras, pode-se negociar uma boa crítica com recíprocos afagos. Qualquer esboço de qualificar passou a revelar o reverso da medalha: eleição arbitrária, caprichos eletivos, preferências afetivas. Numa palavra: criticar é exercer algum tipo de poder e, se é assim, significa também excluir. O que importa agora não é a qualidade da obra e sim sua utilidade para os estudos literários. Se contempla um segmento temático, serve. Do contrário, está descartada a leitura. Será válido o extremismo? Os cânones morreram? Terão sido resultado da egolatria de um punhado de doutores?

É certo que antologias se assemelham às roletas. Não menos verdadeiro que seleções incluem ou excluem autores com uma enorme dose de alvedrio. Também reconhecemos que os apagamentos históricos de autores e autoras deram-se em razão de posições sociais, intelectuais e políticas. Ninguém é ingênuo a ponto de acreditar na isenção da crítica. Só se inventassem uma máquina de avaliar livros e, nem assim, haveria imparcialidade porque o resultado iria variar conforme os programadores. E então? Os altares serão desmontados? As igrejinhas vão arder? Os santos serão alijados de seus nichos? Resumindo a provocação: será pecado dizer que uma obra é superior à outra? Viveremos uma "criticofobia" contemporânea, destronada pela coordenação de outros saberes. Não será este um processo de terceirização da crítica em favor da antropologia, da sociologia e da filosofia? Sim, porque passou a ser comum criticar não só o autor, mas a crítica e o crítico no contemporâneo divã das relativizações.

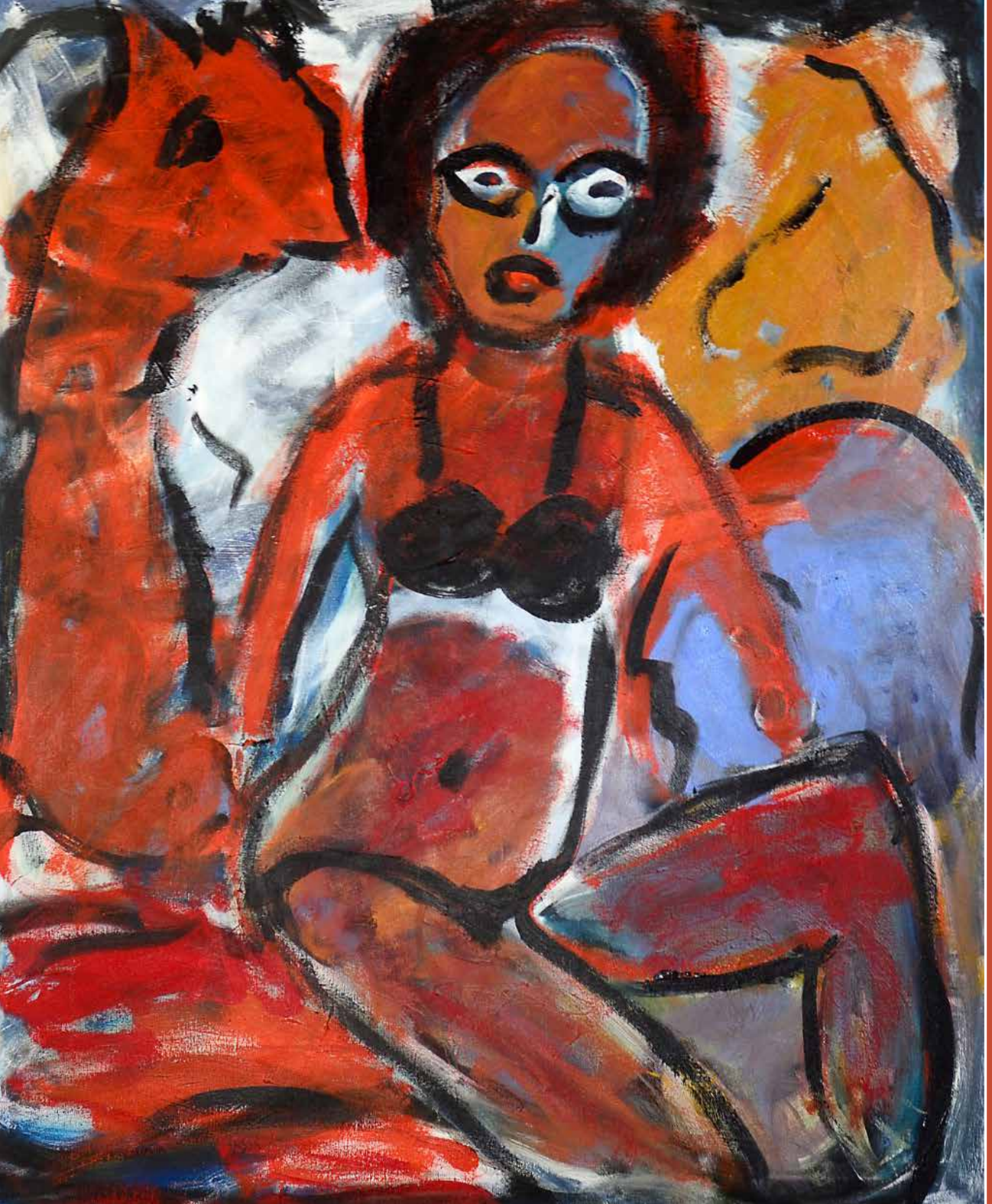
Parece-nos curioso o sistemático ataque aos cânones. Sim, curiosa tendência. Não só por essa crítica cheirar à reserva de mercado, não só por proteger bairrismos, mas sobretudo porque a destruição dos cânones passados presta-se para forjar outros cânones. Opera-se uma substituição com a mesma natureza questionada: política, eletiva, arbitrária e afetiva. Noutras palavras: descobre-se um santo para cobrir outro. Os estudos de autores periféricos não costumam canonizá-los, mas antes consagram os egocêntricos estudiosos. Alguns críticos assenhoram-se tanto de autores, de temas ou de segmentos literários que, para destacarem-se, sucumbem à vitimização e às lamúrias. Nessa encruzilhada de caminhos diversos com esquinas iguais, tudo indica que mais vale ser honesto na crítica e afirmar, de antemão, os critérios que serão utilizados. Basta isso: honestidade intelectual. O resto é chororô.

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
8 André Siqueira
10 Caio Ribeiro e Marcella Gaioto
12 Aclyse Mattos
14 Daniel Zarpelon Leão
16 Eduardo Mahon
18 Divanise Carbonieri
20 Edson Flávio
22 Ireneu Bruno Jaeger
24 Klaus Henrique Santos
26 Janete Zimmermann
28 José Eduardo Martins de Barros Melo
30 Lívia Bertges
32 Leni Zilioto
34 Lorenzo Falcão
36 Olga Maria Castrillon-Mendes
38 Jorge Cerqueira
40 Lucas Rodrigues
42 Marcos Blau
44 Marilza Ribeiro
46 Marta Cocco
48 Michel Pinheiro
50 Pablo Rezende
52 Moisés Mendes Martins Junior
54 Rodrigo Meloni
56 Rubenio Marcelo
58 Stéfanie Sande
60 Odair Morais
62 Rosana Ravache
64 Sergio Fragoso
66 Dante Gatto
68 Henrique de Medeiros
70 Lucinda Nogueira Persona
72 Anna Maria Ribeiro Costa
74 Edital Prêmio Pixé de Literatura

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Antonio Miranda, Caio Ribeiro, Daniel Zarpelon Leão, Dante Gatto, Divanise Carbonieri, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Ireneu Jaeger, Henrique de Medeiros, Janete Zimmermann, José Eduardo Martins de Barros Melo, Klaus Henrique, Lívia Bertges, Leni Zilioto, Lorenzo Falcão, Lucas Rodrigues, Lucinda Persona, Marcos Blau, Marilza Ribeiro, Marta Cocco, Michel Pinheiro, Moisés Mendes Martins Junior, Odair de Morais, Olga Mendes, Pablo Rezende, Rodrigo Meloni, Rosana Ravache, Ruberio Marcelo, Sergio Fragoso, Stéfanie Sandê.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Jorge Cerqueira



POEMA INDI – VISIVEL

Paradoxalmente
o poema é um sistema
em sua totalidade:
partículas em fluxo
interativo
— internas e externas
partículas articuladas
mas (também) contrastantes
obstante, flutuantes —
do particular ao geral
do pessoal ao multidimensional
celular galáctico
da organização molecular à atômica.

Fora do sistema, o caos
sua decomposição
desordem.

Do meu poema
sai o de outro
(que vem de outrem)
na nossa tríade constitucional:

ontem – hoje - amanhã

antes – agora – depois.

Sistema como objeto
— objeto como sistema.

ESTÁTICO EM MOVIMENTO

:

ONTEM > HOJE> AMANHÃ

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
É maranhense nascido em 5 de agosto de 1940. Foi colaborador de revistas e suplementos literários como o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil e também o La Nación (Buenos Aires, Argentina) e Imagen (Caracas, Venezuela). Doutor em Ciência da Comunicação (Universidade de São Paulo, 1987), fez mestrado em Biblioteconomia na Loughborough University of Technology, LUT, Inglaterra, 1975. Sua formação em Bibliotecologia é da Universidad Central de Venezuela, UCV, Venezuela, 1970. Professor Emérito e ex-coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília (UnB), Brasil, ministra aulas e cursos por todo o Brasil e países ibero-americanos. Aposentado, é professor Colaborador Sênior, e orientador de teses e pesquisas. Organizador e primeiro Diretor da Biblioteca Nacional de Brasília, de fev. 2007 a out. de 2011. fev. 2015 - maio 2017. É poeta, dramaturgo e ensaísta.

BEM QUE PODERIA TER UM ARCO-ÍRIS PELA MANHÃ

Entrou. Pediu. Tomado.
Quis ser um samba do Nelson Sargento
pra socar na cara do amor brabo
e melado. Dito o engano, passou
batido em decúbito dorsal escalavrado.
Sambaram na cara.
Riu-se.
Não tinha dinheiro pro pingado.

MEIA-NOITE

A demora do ônibus cansa-me
nesse pensamento brusco.
A sanidade quer bis cerrado bêbado,
e quando presente: impossível.

Enveneno o elevador onde estavas.
Imaginário corpo também reaparece.
Neste lance, eu consumo o couro
surrado e parvo - durmo contigo
diariamente.

Um botijão prestes a cantar
na beira de rio, margem da
coluna deteriorada.
Há sopro, a partir do odor só
sorrisos para mim, que passa
obscuro.

Desvesti o tempo, todavia apalpei
a massa possessa desprendida
do espelho completo.
Agora afago o tremor das mãos
com seus drinques de jazz anoitecido.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Já publicou poemas em várias antologias, revistas, jornais e sites de literatura. Publicou de forma independente dois livretos intitulados "Quase Ontem" e "As manhãs fechadas". Cursou a faculdade de Letras, porém sem concluir e atualmente faz Pedagogia, além de participar de eventos literários, oficinas de poesia e demais trabalhos.

Caio Augusto Ribeiro
É de Rondonópolis, cidade onde nasceu em 1996, mas reside em Cuiabá desde 2011. Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso participa ativamente do meio artístico. Ator, diretor e performer, Caiodesenvolveu diversos projetos artísticos, como o de roteirista de filme e diretor de livro.

Marcella Gaioto
Acadêmica de Literatura na UFMT, revisora de textos e artista do coletivo "Coma a Fronteira"

MAS O MEL ERA BOM

Ela está sentada em frente ao boteco que ele visita todos os dias. Não tem coragem de chegar mais perto, mas sabe que uma hora vai ter de fazer isso.

Ela olhou três panelas de óleo quente de fritar pastel. Sabe que é um bom sinal de defesa. Ou ataque? Não sei. Ela talvez saiba melhor responder isso.

O relógio marcou cinco e meia. Tempo suficiente pra ele sair do trabalho as cinco e chegar no boteco, descendo a ladeira da fundação. Ninguém chegou. E no fundo, ela sabe que ninguém chegaria. O único questionamento era: ele sabia? E se sabia, como sabia?

Enquanto isso, pensa o dono do boteco, eu acho que já vi essa mulher aqui. Enquanto isso, ela julga nunca ter ido lá antes, a não ser para pegar as chaves da moto com ele. Mas ele sabia, assim então, que ela não iria.

Em casa, ela toma um gole de um trago feito com o que encontrou na geladeira. Camomila, baunilha e mais um punhado de coisas que sabia que seriam um calmante. Adoçou com o mel que ele havia trazido do final de semana na fazenda dum amigo que não foi apresentado, e no fundo ela sabe que este amigo não existe. Mas o mel era bom.

É que pode ser que ele venha de alguma história... Ele lia histórias? De vez em quando ele lia histórias, sim. Mas não sabe de onde vinham. Ela vai encerrando o chá, enquanto sobe um degrau, depois outra bebericada e mais um degrau, e outra bebericada, dois degraus, até chegar ao topo do outro andar, que não era bem outro andar, mas um pouco mais alto que o resto da casa. Lá tem histórias, provavelmente alguma história sobre mel. Ou sobre homens. Ou sobre verdades que podem ser mentiras.

Na mesa, a resposta que ela sentiu seguir, um livro, não, um catálogo dos pontos turísticos da cidade. Não tinha uma história de que ele receberia uma prima de fortaleza? Já com o livro, não, porra, o catalogo nas mãos, a primeira página foi a mãe de todo o silêncio: orla do porto de Cuiabá, com um xis feito de caneta azul circulando o Caldo do Zé. Ela sempre quis conhecer o caldo do zé. A orla do porto foi onde a cidade começou, tava escrito.

Chega no porto. Atravessa a orla. Olha para a correnteza do rio, que é branda. Não tem certeza do que está fazendo ali. Uma mulher passa olhando enquanto um bebê segura a sua mão, e a correnteza vai acompanhando os passos da mulher que também é mãe e ela olha isso sem saber se despreza ou retém.

O homem está lá, no local exato em que a imagem em sua cabeça dizia que estaria. Bom, ponto pra ela, então? Não. Faltava coragem, mas sobrava ódio. E isso era um grande problema pra todos ali. Deu meia volta e já estava no lugar onde havia sido um grande porto, em que barcos carregados e vazios chegavam para alimentar Cuiabá com suas iguarias vindas dos quatro cantos.

Andando de modo lento, se aproximou dele. Sabia que estava segura, até então. Segurou na bochecha dele e apertou. Nada então mudou sua expressão. Continuava assim, um pouco plástica, um pouco cansada.

O homem arregala os olhos como quem finge não saber que esta hora chegaria. Aquilo que se escondida no porão, começa a sair pelos olhos, saliva e respiração. Não se levanta, disse a traída para a traidora. Não. A mulher sentada na mesa não era uma traidora. Esse pensamento tem que acabar.

Você sabia que ele era casado? Pergunta. O Julio? Eu não sabia! Você é casado Julio? O ódio, que antes deitava sob os olhos da primeira mulher, agora tinha contornos nos olhos da segunda mulher, também. O homem boquiaberto não fazia nada. Ele nunca esperou que este fim chegaria, onde as duas lobas comem cada pedaço do macho e tomam seu lugar de Alfa.

Vem, eu te pago uma bebida, este cara é um zero a esquerda. A mulher levantou e tocou a mão da que a convidara. O homem gritava e um garçom tinha uma câmera. As duas lobas caminham enquanto trocam palavras, ainda trêmulas, mas palavras de amor. Os berros do homem já não incomodam mais.

JOÃO GILBERTO

Blim blom
Txu blek txu blim
Quais quais quais
Quais quais
Ú Sambá
Ú Sambá
Paiu paiu paiáiá
Qüém Qüém
Telecoteco
Tintin por tintin
Ô xinquintin
Xinquintin
Xinquintin
Xinquintin

1978
(Inédito)

Aclyse Mattos
É escritor e poeta. Flor de metal foi escrita no Rio de Janeiro na época em que o Peça Original ensaiava na Ilha do Governador para tocar no Planetário e sobre a noite esfumaçada na Avenida Brasil a lua quicava sobre os prédios ao sabor das curvas. Livros recentes: O Sexofonista (contos), Sabiapoca (infantil) e Festa (poesia).

LÍNGUA DE PEBA

(para Corisco)

o punhal triangular veste o Loiro
couro de jegue
pela caatinga arranhada

tripla face que reflete o humano
e seu fio espelha o mundo

– Qual lado do homem não é amolado pelo engano?

sessenta e sete centímetros laminados
aprumados
para dentro de um pescoço magro
em diagonal travessia pérfura

quinze centímetros ebóreos
serrados num punho
cravejado de ametistas
(uma para cada cabeça de macaco)

sublime língua de ferro
árida espada coagulada
terra de corações cáctus

mais quente que o Diabo

Daniel Zarpelon Leão
É um poeta desquitado. Tecnólogo em Monitoramento Ambiental, Bacharel em Ciência da Computação, Mestre em Planejamento Urbano, sua formação intelectual e científica vigora no passeio, dentre os litígios desumanos e inexatos. Joga-se ao mar da poesia em 1994, quando publica, pelo Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, "Da raiz que pari falas...". Depois, outros textos seus chegaram à praia. Ora, em adesivos vidrados de ônibus porto-alegrenses; ora, numa Antologia Poética de escritores portugueses, além-mar. Neste exato agora, a Revista Pixé mantém seu navegar.

Vem, preta!
Diz o branco
Pra mulher branca
Que é preta, por amor

Sai, preto!
Diz o branco
Pro menino preto
Que é preto, sim senhor

A mulher só é preta
E o menino só é preto
Pro homem branco
Que não manja de dor

Eduardo Mahon
Eduardo Mahon, 42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Divanize Carbonieri
É doutora em letras e professora de literaturas de língua na Universidade Federal de Mato Grosso. É autora de Grande depósito de bugigangas (2018), selecionado no Edital de Fomento à Cultura de Cuiabá, e Entraves (2017), agraciado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2018 (Poesia) e do 3o Concurso Lamparina Mágica (2016).

PANTERA

quano dava na veneta eles ia lá e matavo as muler e de tanto matá elas eles foro garrano gosto pela coisa então era muler matada espetada mulher matada queimada muler matada esguelada muler matada de tudo quanto é jeito uma coisa que eles sabia fazê bem era matá muler e matavo sem dó nem piedade quase todas morria de crista erguida má teve umas que na úrtima hora gritaro que ia fazê tudo que eles queria nisso eles pensaro nossa vai sê muito bão se nóis ponhá essas muler pra fazê tudo pra nóis ponhá elas na lavora ponhá elas pra cuidá da criação ponhá elas pra cozinhá a comida pra nóis vai sê muito bão pruque daí nóis descansa mais nóis come dorme e num se força tanto mas deixá elas anssim sorta no meio deles eles tinha medo tamém então foi aí que eles inventaro que elas tinha que estimá eles inventaro esse negócio pruque se elas fosse odiá eles como eles merecia era perigoso né pruque elas podia se vingá e matá eles enquanto eles dormia elas veno que era o jeito aceitaro mas era mentira né as muler mentia muito falavo que estimavo eles e eles ia acreditano má daquele jeito deles ia acreditano e surrano ao memo tempo e de noite prendia elas então elas começaro a menti cada veiz mais e foi tanta mentira tanta fingição que inté elas ficaro confundida teve hora que elas acharo que tavo estimano eles memo má como é que vai estimá quem só qué matá ocê num tem como má elas tavo confundida né pruque elas já ia nasceno no meio daquilo tudo então já ia achano que a vida era anssim memo elas acostumaro a obedecê sem recramá a num falá sem sê preguntada a num tê vontade nenhuma por drento tinha sim má fazia de conta que num tinha e eles foro perdeno o medo delas e num prendia mais elas de noite e elas passaro a dormir junto com eles má elas num lembravo mais que podia matá eles que eles merecia de sê matado por elas daí passô muitas estação inté que teve umas que começaro a fazê umas coisa que eles num entendia elas gritavo como que tavo morreno elas se debatia tremia babavo tinha umas que paravo de comê que paravo de bebê às veiz nem engoli mais elas conseguia eles ficavo sem sabê o que fazê pruque era uma reberdia que eles num esperavo né isso nunca que eles tinha visto e elas num prestavo mais pra fazê nada num tinha mais serventia pra eles e daí pra não lastreá a peste pras outra que inda tavo sã eles pegaro essas daí e jogaro tudo num fosso pra elas morrê lá drento e de noite eles só ouvia os urro delas urro de fera servage memo inté que acostumaro e tudo foi quietano um dia um deles entrô na mata e num vortô mais os outro foro procurá e acharo só umas parte dele como que mastigada por um bichanão o segundo que sumiu quano eles acharo tava uma pantera comeno ele uma pantera de lombo tudo pintado e quano ela viu eles antes de corrê ela urrô de um jeito que fez eles tremê nas perna então eles foro vê e o fosso tava vazio nem ossinho tinha ali nem sinar das muler e daí hoje em dia nóis sabe pruque que tem pantera que come omi quano ele tá desguarnecido nessa terra né

BICHO DE SETE CABEÇAS

perdi a cabeça, dirão todos aqueles
que tem a cabeça no lugar.

cabe tanta coisa nela.
ca
be coisa à be
ça

não sei onde estava com a cabeça
quando me viraram de ponta-cabeça.

deve ser porque tenho cabeça fraca
e por isso vivo nesse quebra-cabeça.

nos dias de hoje, cabeças rolam
quando pensam

em cabeças que só pesam,
não cabe
sa
ber mais nada.

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde, atualmente, é docente e pesquisador na área de Literatura. Amante da poesia, escreve desde quando ganhou seu primeiro concurso, ainda na escola. Pretende publicar seu primeiro livro em 2019.

MEIO/INTEIRO

O menino brinca
com bola furada
encontrada no lixão.
Ele pisou num caco de vidro
escondido entre plásticos.

Apareceram cobras
nos pneus abandonados
e mosquitos
e escorpiões.
Acabou o soro antiofídico.
Não acabaram as cobras.
O caboclo matou a cobra.
Coitada!

Recolheram
UMA TONELADA
de lixo
num dia
na BR 163 !
Faça a conta!

120 veículos apreendidos
apodrecem ao relento.

Ela passou a consumir
somente água mineral...

E a devastação da Amazônia?
Diminuiu? Diminuiu não.

Na esquina jorra água
onde a Cia. arrumou
Multaram... Vão recorrer...

O moleque grita para a mãe:
--O peixe comeu plástico!

Fumaça tóxica
Invade pelas janelas
pelas narinas.
Crianças e idosos com problemas respiratórios.
Dois na UTI.

Hidroelétrica: Toneladas de peixes
boiam.

Donas de casa
fazem seleção de lixo.
Garis jogam tudo num monte...

Índios vendem toras
a serrarias clandestinas.

Depois do "araIá"
10 sacos de lixo.

Primeiro água poluída
depois
a cascata
secou.

Ela se diz conscientizada
mas demora uma hora no chuveiro.

Políticas para instalação de usinas
de energia eólica e solar?
Acabou a verba.

E o tuiuiú entrou na lista de extinção.

E a reciclagem??
PRECISA RECICLAR
O BRASULEIRO, A BRASILEIRA
para o meio-ambiente virar inteiro.

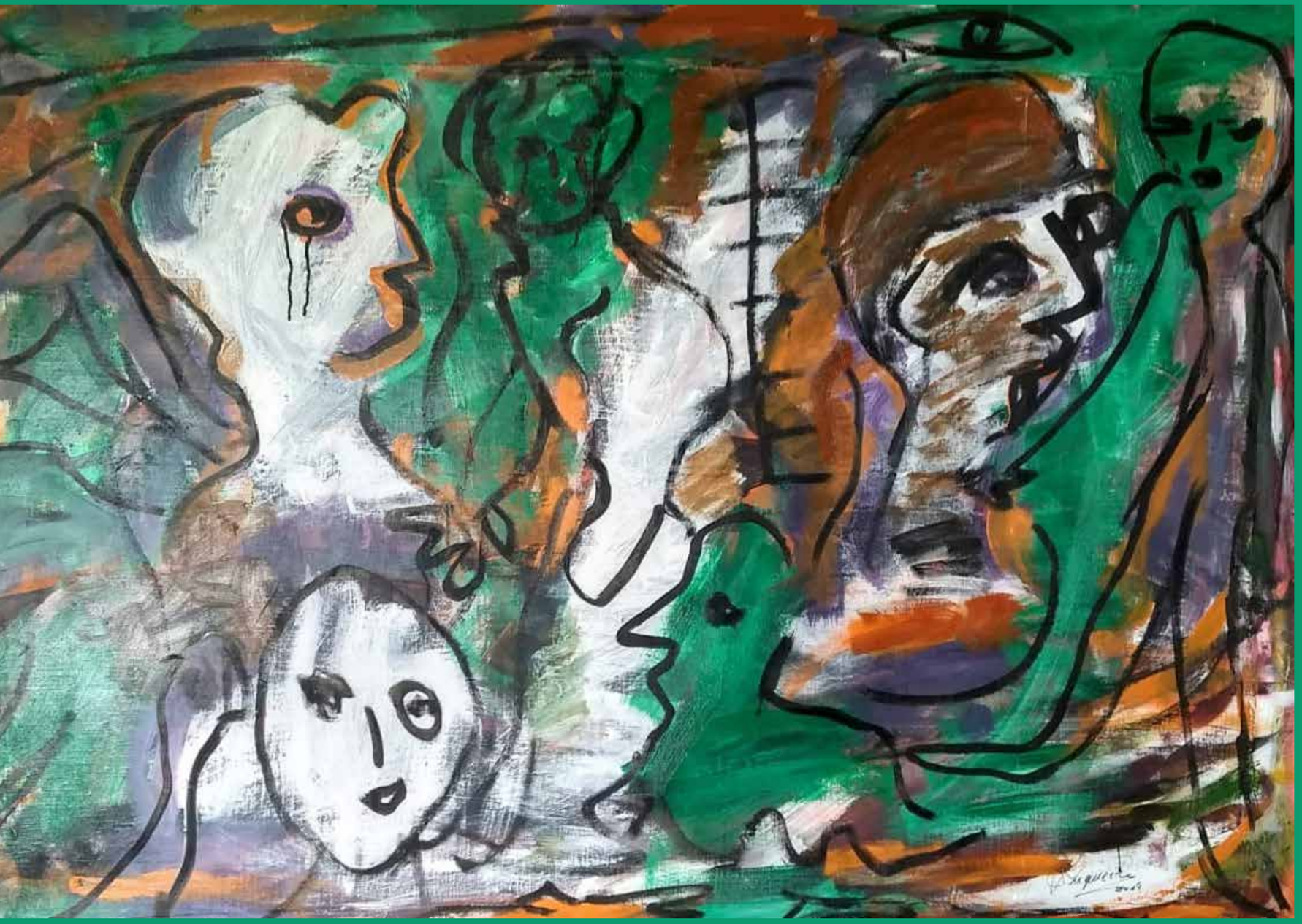
Melhor se tudo isso
Fosse "fake new"

Ireneu Bruno Jaeger
Ocupa a cadeira nº 1 de Academia Sinopense de Ciências e Letras. É um dos fundadores da mesma. É professor aposentado da Universidade do Estado de MT. Publicou poesias, crônicas literárias e um romance. Recebeu Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores e da reitoria pelo histórico da UNEMAT do Estado e do Campus de Sinop. Ao todo publicou 14 obras. É catarinense de nascimento e mato-grossense de coração desde 1977.

A GARRAFA DE VINHO

Resolvi virar a garrafa de vinho no gargalo. Um redemoinho numa espiral fortíssima me sugou para dentro da garrafa. Tornei-me um fragmento de uva redemoinhando no doce embalo do líquido que era sugado por meus lábios. Minha pele se tornou roxo-uvada – tonalidade e palavra inéditas – e me embriaguei. Pilotei uma nave imaginária naquela ciranda que teimava em acelerar rumo ao fundo da garrafa e depois emergia com toda a força, impulsionada por Baco. Fui engolido por mim mesmo e deslizei alcoolicamente por minhas entranhas. O fígado estava severamente arruinado, mas o coração, teimoso, continuava a me bombear num ritmo nunca experimentado e eu ficava cada vez mais bêbado no meio disso tudo. Beijava meus dentes e me deleitava no macio da língua. O vômito me expulsou de mim mesmo e meu sangue voltou para a garrafa. Voltei a mim, literalmente embebido. A garrafa verde, os pedacinhos da rolha boiando no vinho, o rótulo empoeirado. Gritem e pulem de alegria ao doce sabor dessa bebida que embala os cânticos e que d'água os barris se encham! A poesia mora na adega.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).



PERSEVERANÇA

Para Manoel de Barros

era inútil forrar cabides, mas eu forrava. era fútil gostar das blusas da vó, mas eu as adorava e me via moça-romântica dentro delas. esquecer a vida contando as ondas dos trigais era coisa de pisciano, mas eu fazia nas horas roubadas. ficar roxa de frio pra não deixar as hortênsias, as rosas e o resto das flores sozinhas, ao relento, era doentio, mas eu só ia pra dentro quando meus braços não mais suportavam os açoites do minuano. lançar barquinhos de papel – rasurados com versos infantis – nas corredeiras dos barrancos, era anormal, mas eu os lançava comigo e meus sonhos no convés. declamar Menotti com meu velho pai antes de o dia raiar, era louco, mas nós dizíamos Juca Mulato até ficarmos roucos. esperar com a mãe o último irmão chegar da noitada, era exagero, mas eu os amava de doer corpo inteiro. eu era a marciana a quem todos olhavam torto. e eu sentia que era exercida por várias luas e que haveria sofrimento, como ainda há. mas eu sabia que encontraria, depois de mil e tantos horizontes, um poeta com a língua verde. esse duende me abriu clareiras e legalizou minha verve. naquele ontem mágico, Manoel de Barros devolveu-me a minha menina (!) e eu tive a graça de sorver com ele, num mesmo tempo, o mesmo delírio azul da mesma garça. hoje eu respiro o mesmo ar da ramaria que ele arrasta pelo chão dos doidos de flor.

Janete Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: “Asas de JIZ”, Editora Life (2013) e “Pétalas Secretas”, Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: “As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira”- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.

OCEANOGRAFIA DO ROSTO

transparente, o rosto
também é água
fora de seus domínios

tenta ser olho apenas
para evadir-se
como parte de rio

em seu templo sereno
as ondas são inimigas
deste mar equilibrado

como concha, ainda
revela-se o rosto
Pacífico e Atlântico

Índico, em seu idílio
de remontar outro mar

Ártico, em desejo
de querer-se íntimo

Glacial, Antártico,
em desejo de se revelar.

José Eduardo Martins de Barros Melo
Nasceu em Recife-PE, em 1962. Ao lado de Francisco Espinhara, iniciou o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco e teve ativa participação na vida cultural nos anos 80. É estudioso da obra de Manuel Bandeira e sobre ele, além de diversos artigos, publicou os livros "Bandeira: uma poética de múltiplos espaços" e "Os caminhos Movediços de Bandeira. É professor do PPGMEL/UNIR, membro do Grupo de pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea da Universidade Federal de Rondônia e da Diretoria executiva da revista do Centro de Estudos da Linguagem Re-UNIR. Publicou os livros de poemas *Restos do fim* (em parceria com Cida Pedrosa), *A batalha pelo poema* (Com Francisco Espinhara e Pedro do Amaral Costa), *Eczema no lírico*, *Procissão da palavra*, *O lado Aberto*, *A palavra falta*, *Este livro não existe e outras inexistências*, *Retalhos de água*" e o livro "Movimento dos Escritores Independentes (História e produção Literária) com Maria Elizabete Sanches, além do folheto intitulado NU-UN. Atualmente é consultor das revistas acadêmicas Reunir e Igarapé e atua como Coordenador do Curso de Letras à distância na Universidade Aberta do Brasil, na UNIR/Campus de Porto Velho.

DOBRAS

Socorre
o corpo de vidro estilhaçado.

Cresce nas dobras das pálpebras
As lágrimas entreabertas
no inatingível
movimento do acordar.

Os olhos pontilham paisagens
no sopro de alicerce milagroso.

Neles enclausura o horror
perante seres – reais e imaginários.
Nas reclusões latejantes,
em imensidões,
o ausente porvir
implora socorro.

Socorro, socorre e
acompanha os tempos –
suspira a calamidade remota
de um par trançado
de mãos
a espreguiçar.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) é doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.

FILHOS

Da essência, da raiz.
Uma vida, uma matriz.
O amor encarnou-se
para ser feliz.

Eu quis!

DIA DE CHUVA

Gosto
de vinho
e chocolate amargo
e rosas vermelhas
e uvas
e chuva
no corpo

Estou precisando
de vinho
de chocolate ao leite
de uma flor
de morangos
de mar
de você (em mim)

TIME

Já fiz
coro
com tudo
com todos

contudo
agora
Mário Quintana
(passarinho!)

POEMA NÃO REGISTRADO

Ele veio.
O poema inteirinho!
E sorriu.

Eu não tive tempo para ele.
Viveu um tantinho!
E morreu.

Leni Zilioto
é natural de Guaporé-RS. Residiu em Passo Fundo-RS, em Serafina Corrêa-RS e em Nova Mutum-MT. Atualmente, reside em Sinop-MT. É mestre em Gestão e Auditoria Ambiental e especialista em Educação Ambiental e em EaD. É bióloga, palestrante e escritora, com doze obras publicadas e várias participações em coletâneas. É curadora para exposições e coordenadora de projetos em audiovisual. Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras. Recebeu duas "Moções de Aplauso" e a "Comenda Colonizador Ênio Pepino" da Casa Legislativa de Sinop, e o título de "Cidadã Mato-grossense" da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, pela contribuição das suas obras à leitura, à literatura e à cultura mato-grossense.

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

NITERÓI

O casal se escorava na pequena motocicleta num gostoso amasso. Se abraçavam e se beijavam com gosto. Era uma cena tesuda, daquelas de deixar qualquer um em ponto de bala. Aquele terreno baldio e a imensa sombra da mangueira alcovitavam. Eram indicativos de um final tórrido. As mãos hábeis e bobas do rapaz tiveram que dar um tempinho para afrouxar o cinto e abaixar as calças. Ela estava ansiosa e ia aguardar desejosa. Mas ele começou a ter problemas. Queria tirar as calças sem tirar os sapatos e uma das bocas estreitas da calça emperrou no seu pisante 44. Se emputeceu com isso. Ela começou a achar graça e sentiu o tesão batendo as asas. Entrou em cena uma algazarra de moleques que os observavam de longe. Eles perceberam que eram observados e o resultado mais óbvio foi... foi... não foi, melhor dizendo. Motivo de sobra para que a raiva dele aumentasse, agora já sem a calça, só de cueca, com sapato e meia. Estava mesmo ridículo e ela não conseguia conter o riso. Riu mais ainda e com vontade, quando percebeu que em sua cueca, na parte da frente, estava escrito "toca do sucuri". Ela rindo e ele parado defronte a ela, que nem um dois de paus. Puto da vida. Ela parou de rir e se recompôs. Disse-lhe em tom amigável:
-Coloque a calça, vamos embora. Não precisa ficar tão puto.

Desencostou-se da moto para que ele subisse após vestir a calça, mas ele, na sua raiva surda e absurda, apenas dobrou a calça e colocou-a sobre o banco, subindo em seguida. Emitia grunhidos ininteligíveis e ela achou melhor nem dizer nada. Ele ligou a moto e ela subiu em seguida. Saíram. Ele uma arara e agora ela também já dava sinais de que não estava nem um pouquinho satisfeita em participar daquela cena vexaminosa. Cruzavam com carros, pedestres, ciclistas e nem todos reparavam no extravagante figurino do motociclista, apesar de não ser todo dia que a gente vê um homem de cueca pilotando uma motocicleta, ainda mais se estiver também com sapatos e meias. Ele virou numa rua mais movimentada e ela conseguiu se desvencilhar dele. Disse:

-Pare ali naquela próxima esquina, que eu vou na casa da Emily. Ela mora naquela casa azul clarinho e preciso conversar com ela. Depois eu te ligo.

Ele parou e não fez a menor questão de se despedir. Acelerou a moto com força e fez um grande barulho. Nessa hora, passou um ônibus cheio de estudantes e um deles percebeu o motociclista de cueca e mostrou-o aos demais. Foi a maior farra. Aquela bizarra cena era tudo que os estudantes precisavam para se animar. Isso, logicamente, deixou-o ainda com mais raiva. Preferiu sair daquela rua movimentada e fugir dos jovens colegiais. Estava caçando encrenca, mas não ia querer um ônibus. Ele não raciocinava exatamente nesses termos, porém, indiretamente, suas ações davam toda a pinta de que ele queria descontar sua ira em alguém, um alguém que não gostasse de topar na rua com um motociclista trafegando de cueca. Usar ou não capacete, àquela

altura dos acontecimentos, era um detalhe insignificante. Não lhe passava pela cabeça que poderia ser abordado por policiais, uma vez que estava sem capacete. Seguia retilíneo e ridículo, encuecado. Com sapatos e meias. E com sua raiva. Recebia olhares curiosos de gente que passava nos carros, mas ninguém ousava encarar, já que ele soltava chispas pelos seus belos olhos negros. Era curioso, reparava: todos que o viam parecia que lhe devotavam o maior respeito e não ousavam expressar qualquer espécie de reprovação ou indignação para com aquele seu estado que, até certo ponto, era um atentado ao pudor. Não chegava a ser algo assim libidinoso, já que sua cueca não era tão sumária, mas qualquer pessoa em sã consciência há de convir que não é todo dia que a gente se depara com esse tipo de cena que, conforme a cabeça de cada um, pode ou não ser aviltante.

Nem toda a raiva do mundo dura pra sempre e lá se iam uns dez minutos que ele trafegava naquele estado exibicionista. Questionava porque as mulheres nunca se incomodam de adiar uma transa. Seu ódio era agora contra essa postura feminina. Mas estava passando. Ele não era uma pessoa tão raivosa assim. Era até um sujeito de boa índole, embora, quando mais jovem, tivera inúmeras crises de raiva incontroláveis. Pensava também nisso e começava a concordar que não estava fazendo um papel nada bonito. Estava a um passo de se render ao bom senso, envolto nesses pensamentos. Preocupava-se e tentava imaginar como faria para parar a moto, descer e vestir-se, já que estava numa via pública. Foi aí que aconteceu o que ele, bem no início dessa ridícula cena, desejara. Alguém se desagradou com o fato de ele estar transitando assim livremente de cueca, sapato e meia. Um sujeito gordo, barrigudo e mulato, numa bicicleta motorizada daquelas bem de antigamente, emparelhou com ele e começou a olhá-lo com raiva.

A raiva dele voltou com força total e foi canalizada contra o mulato. Eles estavam lado a lado e compunham uma cena estapafúrdia. Poderiam parar a qualquer momento e rolar no asfalto numa briga estúpida. E teriam feito isso, provavelmente, mas aconteceu que o mulato sacou da cintura um velho trinta e oito, arma contemporânea do seu veículo e apontou-o ao motociclista. O motoqueiro de cueca empalideceu e sua raiva cedeu lugar a um medo estupendo. Acelerou fundo a motocicleta para fugir do outro. Teve início uma bizarra perseguição. Motoristas, passageiros e transeuntes não entendiam nada ao ver uma bicicleta motorizada perseguindo uma motocicleta. Apesar de mais potente, a moto não conseguia se distanciar muito do perseguidor. O motoqueiro de cueca entrou por uma rua estreita de menos movimento, acreditando que assim conseguiria despistar seu desafeto.

Era uma rua de um bairro de classe média baixa e qual não foi o drama do motoqueiro, ao perceber que era uma rua sem saída. A casa do final da rua era uma construção abandonada e ele se viu forçado a descer da moto e correr para dentro da velha construção. O mulato da bicicleta motorizada fez o mesmo, com o revólver em punho. Ali dentro daquela casa inacabada começou um jogo de gato e rato, uma brincadeira de esconde-esconde, que poderia terminar em morte. Seria mais um caso de violência a figurar no noticiário cotidiano. A construção era ampla, com vários cômodos, o que favorecia um belo suspense que, no entanto, destoava com as características dos personagens, que seria coisa mais típica de um filme brasileiro de má qualidade.

Nada como o tempo para aplacar a fúria humana. O fugitivo, enquanto tentava livrar sua pele, imaginava se não seria possível resolver aquela situação amigavelmente. Quem sabe se ele pedisse desculpas por ter transitado de cueca na moto. Talvez o outro pudesse até aceitar o pedido e tudo ficaria bem. Mas, e se não fosse assim? Já o perseguidor, com sua volumosa barriga, começava a se cansar e também lhe passava pela cabeça se valeria mesmo a pena fazer o que havia pensado inicialmente. Ele também não era uma pessoa de todo má. Tinha lá seus momentos de baixaria, normalmente, quando bebia. Certo que estava meio chumbado, mas a correria e a adrenalina haviam contemporizado o efeito do álcool na sua cabeça. E foi exatamente num momento em que os dois eram invadidos por esses pensamentos pacificadores que aconteceu um desfecho muitíssimo mais para o inacreditável do que para o violento. Algo por demais imprevisível. O motociclista, que estava escondido num dos cômodos, sentiu a aproximação de seu oponente, criou coragem e bradou, mostrando-se de corpo inteiro, após sair de seu esconderijo:

-Chega, pelo amor de Deus. Não me mate, não atire... Eu quero te pedir desculpas. Eu estava errado...

Dizia isso olhando fixamente nos olhos do outro, já que estava bem próximo. Continuou

-Estou arrependido de ter andado esse tempo todo de cueca na moto. Foi um momento de raiva incontrolável que eu senti e que me levou a fazer isso. Posso até te explicar com mais calma o que foi que aconteceu e que me levou a agir dessa maneira. Meu nome é Marini Niterói...

Eles já estavam frente a frente e a declaração pacificadora de Marini caíra como um brinco, mandando a raiva do mulato rotundo pra bem longe. Quando ele ouviu o cara da cueca dizer que seu nome era Marini Niterói, abriu um generoso sorriso mostrando seus belos dentes e trocou as bolas. Abaixou-se e depositou o revólver no chão. Levantou-se tirando do bolso a carteira e, dela, a identidade. Exibiu-a ao seu ex-inimigo. Mostrou o espaço na cédula de identidade onde se registra a naturalidade da pessoa e disse, aproximando-se, estendendo e já apertando a mão do outro e em seguida abraçando-o efusivamente, para depois se afastar um pouquinho e ter a oportunidade de dizer-lhe olhos nos olhos:

-Muito prazer, seu Marini. Eu também sou de Niterói.

NOTA DO AUTOR:
Este foi o conto mais fácil que já escrevi em toda a minha vida. Me surgiu pronto, após um uma noite de sono, ilustrada por esse episódio que sonhei.

ENTRE MULTIFACETADOS TRAÇOS DE JORGE CERQUEIRA

Na representação do agora, muitas vezes inacessível, a multilinguagem da Revista Pixé democratiza a leitura e amplia o estado criativo das particularidades do espírito, "próximo a um transe", como fala Edgar Morin. Assim, a beleza da vida está, necessariamente, no constante exercício desse estado especial, cujo universo é capaz de provocar transformações e atitudes de resistência.

É passar os olhos pelas páginas da Revista e se obrigar a paradas estratégicas em cada uma delas, ou porque estão prenhes de sentido, ou porque incomodam pelos traços e cores. Penso com isso sobre a necessidade de se emocionar para aprender. Penso, também, no atual momento de efervescência literária e cultural em Mato Grosso. Nesses entremeios de expressão artística, os traços de Jorge Cerqueira o colocam no centro das reflexões da Pixé deste mês. O designer inovador que capta o leitor comum, jovem principalmente, costuma deixar por algum tempo o sabor da paçoquinha cuiabana que, acertadamente, nomeia a Revista.

Qual é, portanto, no âmago dessa proposta, o desafio que a arte de Jorge Cerqueira propõe?

Inicialmente, construir um pacto do leitor com a imagem e a palavra, subjacente na (re)educação do olhar, lançando-o em variadas direções e desafios. Eu diria que o estilo eclético do artista leva ao primitivismo polinésico de Paul Gauguin, mas sinto certo predomínio da influência cubista da primeira fase de Picasso, sobretudo se revejo as máscaras africanas de Les demoiselles d'Avignon. Os marcantes traços da tradição popular, presentes, na nossa formação artística, estão nas figuras em movimento de braços estendidos, rostos disformes, cujos rabiscos se aproximam da arte das xilogravuras dos livretos de cordel, pois construídos nas fissuras proporcionadas pelo jogo de composição manual aliado ao prazer estético, compondo formas de resistência na monotonia do cotidiano.

Aqui, talvez esteja uma das maiores contribuições da arte contemporânea: traduzir a tradição como fala Ángel Rama, num constante vir-a-ser marcado pelos borrões em meio ao colorido geral da tela. Imprecisos, os traços são frutos do estado de religação com o outro que nos identifica, ou não. Em maior ou menor proporção, as representações do mundo de Jorge Cerqueira carregam esses vestígios da tradição artística, como numa espécie de revisão dos conflitos sociais, ainda hoje tão presentes.

A multiplicidade de tendências e fórmulas que compõem o repertório cultural do artista nos leva para além do prazer da contemplação. Atinge o prazer questionador que retira da zona de conforto e da naturalização da arte. Mais importante que o sentido é o "estado poético" que prende e afasta, perturba e flui.

Da forte expressão artística a mistura de sensações e emoções é característica do contemporâneo. Representação do estranho e impreciso mundo interior no qual o homem se vê preso por tênues linhas de expressão da própria vida, portanto, desnivelada, (des)focada, liquefeita em simbólicos e impactantes fulcros densamente marcados pelas espirais, linhas e pontos negros.

A arte, assim, é necessária porque o homem se torna capaz de conhecer e mudar o mundo, mas ela também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente. Transformação e magia entram no universo do observador como dois ingredientes intrínsecos à natureza humana que, atingindo os sentidos, demove às reações muitas vezes inusitadas. Desse jogo brota a relação entre visão e pensamento, portanto, problematizadora dos espaços entre o visível/invisível e os sentidos.

Nesses acordos que são representações temporárias e passageiras, Jorge Cerqueira enlaça o leitor de Pixé no abraço festivo da linguagem como componente da própria força subterrânea que mais aponta do que comunica. A imagem é encenada, teatralizada como significante, afastando o observador dos sentidos cristalizantes, numa permanente disposição para o novo e para as ambiguidades do ser.

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

Jorge Cerqueira
Artista

BIOGRAFIA

Jorge Cerqueira (carioca 01/12/1949). Pintor e gravador, iniciou seus estudos nas artes plásticas na Escola de Artes Visuais do Parque Lages na cidade do Rio de Janeiro em 1979 onde permaneceu até 1984. Depois disso participou de cursos no Museu de Arte Moderna e SESC da Tijuca ainda no Rio.

Nesse período participou do grupo de gravadores Delito, Mostra Pau – Pedra – Fibra - Metal - e Oficina com Ivens Machado "dentro-fora (arte no privado e arte pública, no festival de verão da U.F.E.S.

Fez várias exposições individuais, mostras nacionais e internacionais e integrou diversos salões de arte. Possui publicações em coleção no Museu Municipal de Arte de Curitiba, Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Museu de Arte Tradicional de Religiosa, Convento Nossa Senhora dos Anjos de Cabo Frio, acervo do Erimar Carneiro e Cláudio Valansi.

LÃ

[4m47s na linha]

- Bom dia, meu nome é Raquel, do banco Itander. Falo com o senhor Osvaldo?

- Sim, sou eu.

- Em que posso ajudar, senhor Osvaldo?

- Então, a validade do meu cartão de crédito tá expirando no próximo mês e queria que vocês me enviassem outro.

- Aguarde um minuto enquanto eu checo o seu cadastro...

[secretária eletrônica: Fique esperto! O banco Itander não pede senha, números de documentos ou dados do cartão por e-mail. Dúvidas ligue para o SAC, acesse o internet banking ou baixe o app]

- Senhor Osvaldo, desculpe a demora... O senhor ainda mora na Avenida Historiador Rubens de Mendonça, nº 41?

- Não, me mudei há uns três meses.

- Só um instante... Pode me informar o novo endereço?

- É... Rua 47, bairro Quinto Colombo, nº 111.

- Tem algum complemento?

- Condomínio Luxxor, apartamento 1210.

- Desculpe, não entendi. Lã do que?

- Se escreve Luxxor, com dois 'xis'

- Igual o sabonete?

- Isso, só que vai dois 'xis' ao invés de um.

- Depois dos 'xis' vem o quê?

- Aí vem 'o' e 'r'.

- 'O', 'e', 'r'. Luxxoer.

- Não, não, sem o 'e'.

- Sem 'o' e sem 'e'. Vou soletrar e o senhor me confirma: L-U-X-X-R.

- Não, falta o 'o' depois dos 'xis'.

- Ah tá, só mais um instante. L-U-X-X-O-R. 'Luxxór'. Isso?

- Isso, de forma escrita é isso.

- Como assim senhor?

- É que você disse 'Luxxór', mas se diz 'Lãkissõr'.

- 'Lúxxôr'?

- Não, não. A pronúncia e a tônica estão erradas.

- Hummm.

- O 'Lu' você fala como se fosse 'lã'. Lã de ovelha. Mas não 'lã' forte. Um 'lã' delicado, colocando a língua nos dentes superiores quando pronunciar o 'ã'.

- Ãhn?

- Assim, só que mais ameno.

- Não, não, eu disse "ãhn" no sentido de "hein". Não entendi como fazer.

- É 'lã' estilo modelo, sabe?

- Não era de ovelha? É 'lã' de grife?

- Eu quero dizer no jeito de falar. Fala 'lã' igual modelo dando entrevista, meio paulista.

- Ah tá. 'Lãã'.

- Olha só, perfeito. Bem isso, como se tivesse um 'a' mais pequenininho ecoando depois.

- Obrigado. Mas e o resto?

- Aí os dois 'xis'. Mas eles juntos não tem som de 'xis'. Mas de 'kiss' com dois 'ésses'.

- 'Quis' é aquele joguinho de perguntas né?

- Não. Esse se diz "cuíz', o som do 'u' fica bem evidente. É mais fácil você pensar em 'Kiss' com 'k'. Lembra daquela banda de rock?

- Não sou dessa época. Só conheço a Karol Conka.

- Aí você junta o 'lã' com o 'kiss'.

- 'Lãkíss'.

- Quase, mas sem acento no 'i'.

- 'Lãkiss'.

- Ótimo. Agora junto o "õr". Mas sem muita tônica, igual senhor, doutor. Um 'õr' mais sublime, mais cantado.

- 'Lãkissõr'.

- Magnífico, muito bom... Mas... e o cadastro do endereço? Atualizado?

- Sim, senhor Osvaldo. Vou verificar agora o envio do cartão. Só um minuto...

.....

- Senhor Osvaldo, desculpe novamente a demora. O banco Itander lamentavelmente não renovará os serviços de cartão de crédito do senhor, em razão de dívidas pretéritas e atrasos que estão interferindo na sua pontuação do Serasa.

- Pontuação do Serasa? Nem sabia que isso existia.

- Lamento senhor, é que atualmente, em uma escala de 0 a 1000, sua pontuação é de 382, o que impede a renovação do serviço. Seu score está muito baixo.

- Meu o quê?

- ÎSCÔRÉ.

[tututututututututu]

Lucas Rodrigues
É jornalista. Coordena o Jornalismo do Governo de Mato Grosso e é autor do livro "Pirotecnia". Gaúcho de criação, só virou gente mesmo (ou quase isso) em Cuiabá, onde mora desde 2011. Ainda não sabe se o que escreve é crônica, conto ou uma mistura desarmônica dos dois.

RECONQUISTA

Andava José desatentamente no centro da cidade em que morava quando, de repente, o reluzir de uma arma recém polida chamou sua atenção no balcão da loja. Mas não era qualquer arma, falou o vendedor após José ingressar no recinto, era aquela que simbolizava da forma mais natural o anseio de liberdade que José sentia já não possuir. José, como todo brasileiro, queria ser livre e, se para isso precisava comprar uma arma, assim o faria, pois nada teria a perder a não ser os grilhões de sua pouco conhecida escravidão.

Feliz pela aquisição, José saiu com um sorriso amarelo da loja. Não resistiu, sacou ela, carregou, respirou fundo e atirou para o alto. Estava muito contente, precisava extravasar. 50 metros adiante, um transeunte parou sua caminhada e olhou fixamente para José. Inicialmente muito sério, o homem estranhou. Porém, logo em seguida, abriu um sorriso sacou a arma que possuía na cintura e disse: somos livres! Imitando seu igual, disparou em direção às nuvens.

José pegou seu celular e solicitou um Uber. Vendo ele chegar e com medo de perder a viagem deu um novo tiro para o alto, de modo a chamar a atenção do motorista o mais rápido possível. Atento, o motorista parou para que José entrasse. No caminho, o trabalhador informou que também havia comprado uma arma pois, além de agora também ter alcançado a liberdade, “nunca se sabe, né?”

Ao fim do trajeto, José disse que pagaria a corrida com cartão de crédito. Tentou pela primeira vez e o visor da máquina respondeu: senha inválida. Tentou a segunda vez e a resposta se repetiu. Já na terceira, o motorista sorriu e retirou sua 9mm do coldre, engatilhou-a e, olhando para José, disse: “nunca se sabe, né?” Após eternos dez segundos, a máquina de cartão respondeu confirmando o pagamento. Ambos sorriram e, espontaneamente, abriram as janelas do carro e deram, cada um, um tiro para o alto em celebração. Antes de sair do carro, José positivou o motorista em 5 estrelas e escreveu: ótimo senso de humor politicamente incorreto!

Chegando em casa, sua esposa recebeu-o com um largo sorriso no rosto. Muito feliz, José mostrou a recém aquisição. Para sua surpresa, além dela não o repreender, ela disse que também havia adquirido uma, esta sendo, porém, cor de rosa. Felizes que estavam, ambos se abraçaram, deram um rápido beijo e congratularam-se pela aquisição da liberdade dando um tiro para o alto cada.

Quando adentrou na cozinha, José viu uma cena que deixou-o pasmo, desnorteado: sua filha de 14 anos estava prestes a utilizar um dos aparelhos mais inseguros da história de toda a humanidade, conforme relatou um famoso homem público de seu tempo: um liquidificador. Pró ativo que era, José não deixou que sua herdeira ligasse o aparelho para fazer a vitamina de morango que pretendia. Não! Correu, empurrou sua filha com força e disparou 13 tiros seguidos contra o aparelho.

Com o apetrecho doméstico em pedaços, sua filha aos prantos e a esposa esboçando um sorriso catatônico no rosto, José discursou: acabei de lhe salvar das garras desse aparelho maligno, mocinha. Você precisa ter mais cuidado. A partir de semana que vem irá começar aulas de tiro para que possa se proteger de situações como essa, pois nem sempre estarei aqui para salvá-la. Vá para seu quarto. Por tal imprudência está de castigo.

Enquanto escutava o choro da primogênita o caos se completou: sua esposa gritou pedindo auxílio porque, ela percebeu, o seu trabalho de parto havia iniciado. José, cuja técnica de assistência médica de emergência baseava-se em filmes de qualidade duvidosa, tentou fazer o que podia falando: Inspira/Expira.

Tal ajuda, vangloriou-se, foi de suma importância para o nascimento do agora verdadeiro herdeiro. O filho nasceu forte e, mesmo José dando palmadas nada moderadas nas nádegas do recém-nascido, não chorou.

O auxílio no parto foi completado quando, para romper enfim a ligação física entre mãe e filho, José sacou sua pistola e deu um tiro no cordão umbilical. Era o batismo de sangue e pólvora que ali se consagrava. A mãe, deitada ao chão, após dar uma sucessão de disparos para comemorar o feito, chamou o esposo para tirar uma foto que posteriormente se tornou simbólica: pai e mãe com sorrisos largos empunhando cada um sua arma e, curiosamente como se percebeu mais tarde, o infante fazendo gesto análogo ao santo objeto com as mãos.

De forma apoteótica, ao ver a cena perante a tela do celular, José profetizou: nasceu livre dos grilhões e viverá livre dos grilhões.

Após compartilhar nos diferentes grupos de família, trabalho, futebol e igreja a respectiva foto, foi à geladeira, pegou uma cerveja, sentou em sua poltrona, ligou a TV no Jornal Nacional que acabara de começar e, em uma comemoração final ao excelente dia que teve, deu o derradeiro tiro do pente de sua arma apontando para o teto.

A bala, que era para ter parado seu movimento como se de confete fosse, ricocheteou três vezes antes de atingir o exato ponto mediano da testa de José. Antes que os demais percebessem, ali ele pereceu.

Entretanto, para que se faça jus às conquistas do homem que naquele momento singular nos deixou, é importante que se ressalte: morreu, sim, mas o fez como homem livre e sem grilhões.

Marcos Blau
Nascido em Sinop - MT. 24 anos, estuda Direito (UNIC), toca guitarra na Banda Distrito 835, está escrevendo seu primeiro livro e tem um blog: https://sapientiaaboveblog.wordpress.com/

REPOUSO SOBRE A CIDADE ERRANTE

Na ponta dos dedos
das horas solares
escorre o rio da ternura...
Uma certa paz
enlaça estes momentos
em que fiquei
no centro de uma mandala
de silêncio e melodia...
Do lado de lá
por entre as risadas do poente
um rosto de um palhaço
solitário e sonhador
paira no ar como um pássaro encantado
sobre a cidade das máquinas
que abraça uma sombra triste
das ilusões errantes!

CORRENTEZA VITAL

Rio, rio, ribeiro
despejando a vida clara
por entre a ribanceira...
A mulher canta mansinho
por entre a dor e a canseira
correnteza borbulhante
pelas curvas e barreiras
E o rosto verde das folhas
dependurado nas beiras
dança dos ramos nas águas
como meninas faceira...
Rio, caminho que corre
por entre a paisagem florida
rio - estrada que move
o coração da campina
Rio - que guarda em seu corpo
os turbilhões desta vida
segredo das profundezas
por entre prados e montes
na ginga da cantoria
enquanto vou me levando
pelo barco da poesia...

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.

EM CENA

ela vai à tela
ela vem viagens e mensagens

ela vai à loja
ela vem rímel e batom

ela vai ao esteticista
ela vem botox e manipulação

ela vai por fora
ela vem por fora

E por dentro
ela elabora
a bomba-relógio.

A dor, quando quer,
sabe como
não se expor.

Só não sabe
deter-se
na hora que for.

Marta Cocco
É natural de Pinhal Grande-RS, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da UNEMAT-MT. Faz parte do grupo de pesquisa LER: Leitura, literatura e ensino – UNEMAT/CNPq. Ganhadora de vários prêmios literários, já publicou cinco livros de poemas (Divisas, Partido, Meios, Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só), dois de crítica literária (Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, Mitocrítica e poesia), um de contos (Não presta pra nada) e, com este, três infantis (Lé e o elefante de lata, Doce de formiga e SaBichões).

Michel Pinheiro
Tem dois romances publicados (Vinte e poucos anos e Duzentos dias). Ele acredita que uma boa história deve chegar às pessoas, e nenhum lugar rende bons personagens e surpresas como Cuiabá, nossa Cidade Verde. Todos os seus livros se passam na cidade, e é com esta marca registrada que ele quer que os leitores cuiabanos se reconheçam nas histórias que leem.

CORAÇÃO

Tem coisas das quais o coração nunca desiste. Samuca era sócio de organizada, com carteirinha e tudo. Antes de cada jogo, ouvia sempre da mãe:

— Leva um casaco, filho. Vai esfriar hoje.

Sugestão absurda. Cobrir o manto sagrado? Jamais, pensava Samuca. Munido de seu habitual bandeirão, estava paramentado para apoiar seu time no estádio. Que nunca ganhava nada. Nem experiência.

Estava desempregado há mais de um ano. Tinha mais passagens pela polícia por agressões durante os jogos do que empregos anteriores no currículo. Faltava-lhe apenas oportunidade, atalhava a mãe e seu olhar pesaroso ao falar dele. Garoto inteligente, aprende rápido as coisas, dedicado, filho zeloso, ajudava com as contas da casa...

Seu time, por outro lado, só lhe rendia um agridoce orgulho. Glórias passadas que perderam o fôlego para acompanhar o presente. Bandeiras tremulando solitárias e resignadas pelos estádios. Mas era, como atalhava nas conversas, questão de trocar a diretoria, o juiz, a escalação, o técnico, a delegação por trás do preparo da equipe, de pelo menos o canal de tevê parar de ajudar o time adversário nas cotas de patrocínio...

Ver o time dando uma alegria que não fosse de algo que já foi se entabuizara tanto no coração de torcedor dele que, durante os jogos, mesmo os que via pela tevê, não conseguia mais assistir aos lances de perigo que seu time criava. Seus olhos não aguentavam a emoção. Levantava-se pra ir ao banheiro, comprar mais cerveja, ou simplesmente ficar de costas. Como aquele dia que estava em casa.

Coração é como árvore: finca raízes em apenas um lugar e aprende a amar com a resignação que aprende com as intempéries pelas quais passa. É debaixo da mangueira do quintal de sua casa, o braço apoiado debaixo do tronco, que Samuca olha compulsivamente para uma bola dente-de-leite que o vizinho deixara cair em casa. Sua frio, rói as unhas, numa bizarra penitência dominical que passava ao largo das missas e dos cultos da região. De repente, ouve fogos de artifícios. Gritos das casas vizinhas. Era gol. De seu time. Só podia ser. Volta gritando pra dentro de casa, novamente com coragem para comemorar, antes que o replay termine, aos berros:

— Eu já sabia!

Ainda está desempregado, ainda mora com a mãe, a ex-mulher e o filhinho ainda não voltaram pra ele, mas por aquele breve instante, o grito de gol atenuava a vergonha de ver seu coração se alegrar e o medo de se decepcionar mais uma vez. Era feliz novamente. Por uma fração de segundo, amava como coração de mãe. Incondicional. Com entrega. Monovalente. Encontrando nos defeitos e percalços do time do coração mais motivos e méritos para merecer aquela discreta alegria. Mas a alegria duraria pouco: a outra equipe empataria a partida dois minutos depois.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

O CAMINHO NATURAL

Ao amigo Vicente

Nada está fora do lugar
Todas as coisas ocupam o espaço exato
Os livros na estante, as fotos na gaveta
A natureza toma seu caminho implacável.
As águas de um rio seguem cursos ordinários
na certeza de que não voltarão ao mesmo lugar,
à mesma forma, ao mesmo tempo.

Um útero fecundo
Um cacto impedindo o trânsito
Uma orelha cortada em um copo com água
Metamorfose.

O caminho natural das coisas é a distância
Sementes de uma mesma flor
Tendem a ser semeadas em lugares diversos
Uma pena quando se desprende da
pele dura de um pássaro
Não voltará a ser uma pena
Corpos tendem a se afastar
A natureza se modifica
O corpo celeste tende a compor um
gesto, uma alegoria, uma metáfora
Uma ferramenta breve sobre um
maquinário qualquer.

Uma trilha segue seu curso natural
Corpos tendem a tomar caminhos opostos
Um cachimbo sobre uma cadeira
Filhos de um mesmo pai tendem a
ser criados por mães diversas
Árvores genealógicas plantadas em terras inférteis

O caminho natural das coisas é o abandono
Uma história quando exerce teu
potencial de visualizações
Tende a compor a anatomia de uma
memória eternamente efêmera
O que antes era o melhor momento da vida
Tornou se o passado remoto de um tempo qualquer.

O caminho natural das coisas é o esquecimento
Todas as coisas em seus devidos lugares
Corpos tendem a se distrair
Um coração partido
Um perfil bloqueado
Uma mente sem lembranças
Mensagens de amor excluídas em
aplicativos instantâneos
Olhos que se olham e não se veem
Não se reparam
Autorretrato
Solidão guardada em um dispositivo eletrônico
A saudade poderia ser o que não foi.

Os quadros de Van Gogh também envelhecem
Os girassóis presos a necessidade de uma jarra
Tendem a decompor em sua imagem sólida
O que antes era novidade, luz na luz, se torna obsoleto
Fragmentos do tempo esquecidos
em paredes de casas grandes
Que habitam homens pequenos
O caminho natural das coisas é o envelhecimento
Corpos tendem a falhar
Uma coisa pode ser uma coisa até não ser.

PIXÉ

Milho torradinho socado
Canela açucarada
A branca pura daquela gurizada

Do tempo do Campo d'Ourique
Quanta pandorga, o finca-finca, o busca-pé e o trique-trique
Pintava o céu com pingos de luz

É tempo bom que não volta mais
Só na lembrança de quem foi menino
E hoje é rapaz

Milho torrado bem socadinho
Ai que saudades dos meus tempos de menino!

Um dia ainda verei, eu tenho fé
Meu neto, meu neto
Com a boca toda suja de Pixé

Moisés Mendes Martins Júnior
É escritor e músico. Nasceu em Campo Grande-MT (hoje MS), no dia 6 de agosto de 1941. Graduou-se em odontologia pela Universidade Federal de Goiás. Foi professor da Escola Normal Pedro Celestino; do Colégio Evangélico do Buriti; Secretário Municipal da Cultura Cuiabá e Secretário da Secretaria Especial de Resgate Histórico e de Apoio à Cultura junto à Câmara Municipal de Cuiabá. Escreveu e publicou diversos livros, dentre os quais destacam-se: Fragmentos (1980), A força da fala no dizer cuiabano (1985, reeditato em 1995), Pássaros (1995), Tempo e Vento (1995), Trilogia Mato-Grossense (2008)

EU SOU UMA ARTE PEQUENINA

Eu nasci pequeno. Do tamanho de um grão de voz, destes que gritamos quando o universo se faz presente entre as pernas de nossas mães, e entram no corpo nosso, Fiat lux!

Lá, quando o mundo era grande demais e meus olhos mal viam o mau o u o bem, só eu sabia da grandeza das minhas pequenices. Bebê que eu era, era dono de tudo ao meu redor. Tinha um peito que jorrava leite dentro do meu ser, em e fazia crescer dia após dia.

Eu era realmente muito pequetitico, mas já era um rei. Me limpavam quando eu me sujava, e me davam todo sortimento de coisas que eu queria. Para tanto, bastava eu gritar, a plenos pulmões.

Fazia eu graça para as estrelas, e de lá do alto do céu, mesmo mortas a milhões de anos, sorriam ela de volta pra mim.

Chorava ou balbuciava algo, viam ao meu encontro animais de todo tipo, preocupados com aquele pedaço de vida que ali crescia.

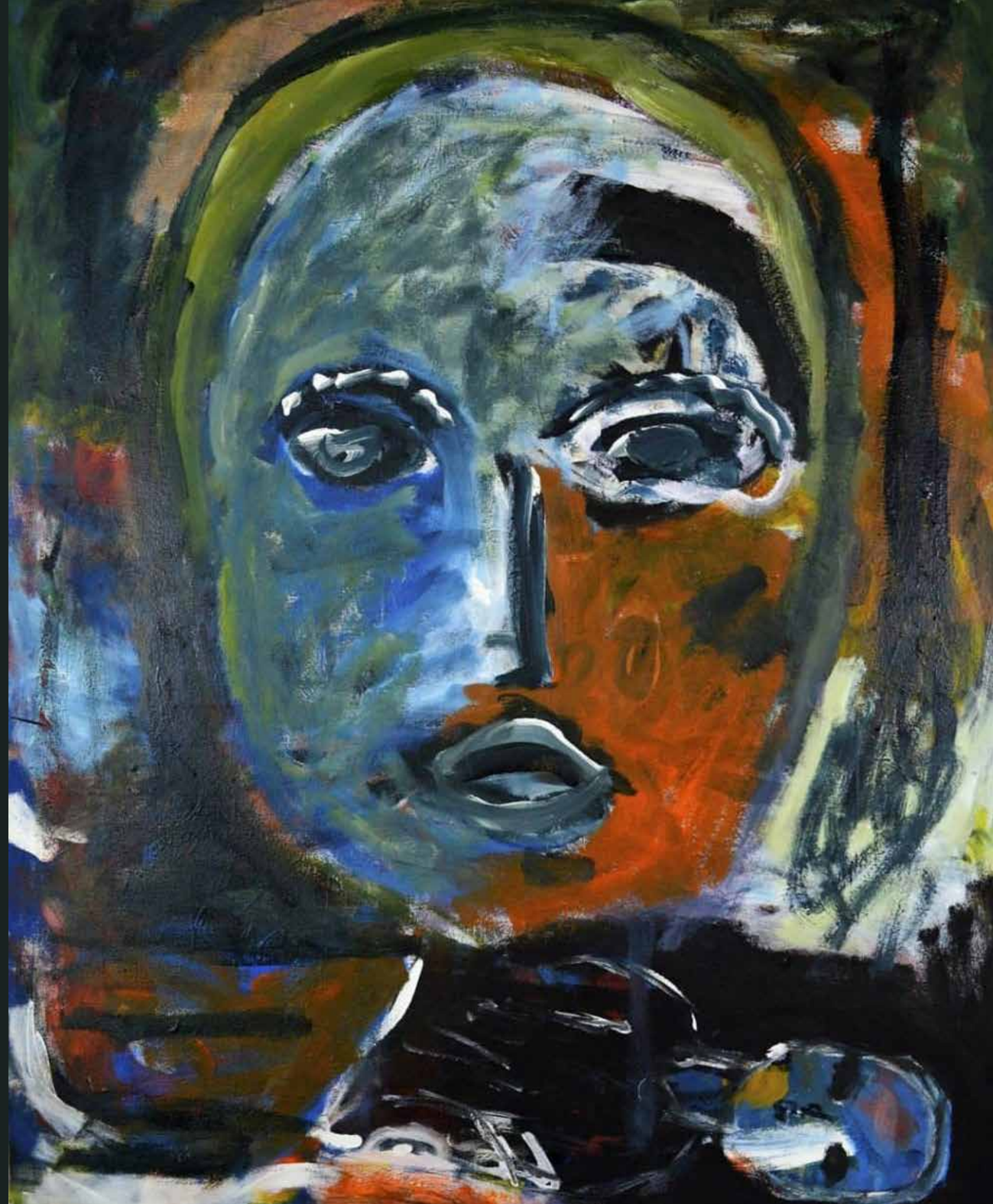
Mas Cronos, senhor do tempo, que por sua vez é senhor de tudo, quis que eu seguisse a lei da natureza e me fez crescer. Estudar eu fui, socializar e mais esse monte de coisa que mata o homem com o tempo, como trabalhar.

Mágoas eu peguei, dores eu senti pelo caminho, chorei muito um choro amargo de quem quer ir embora mas não pode porque tem obrigações. A vida, mesmo boa, foi muito ruim, sabe. Ela bate na gente, ri, sádica que ela é.

Eu mesmo não queria mais viver, mas sempre que desistia, via coisas pelo caminho que valiam a pena. Um livro transformador, um filme que precisamos rever vez após vez, uma peça de teatro aqui, uma música acolá, uma pintura que nos salva do mondo cane.

Percebi, então, que a arte, aquela coisa que não se explica, é a única coisa que nos salva do mundo. Não é o amor, é a arte, que nos torna criança novamente, e que nos faz suportar toda essa merda que é a sociedade.

Rodrigo Maciel Meloni
Jornalista, ativista gay e estudioso da comunicação de massa, o escritor que já teve contos publicados em diversos blogs, sites mato-grossenses e nacionais, se aventura na publicação de seu livro de estreia: Coitado do homem cujos desejos dependem. Estudioso do underground cuiabano e aficionado pelas manifestações artísticas, já colaborou com diversos compositores de bandas do submundo cultural, assessorou festivais de cinema e exposições e colabora, sempre que pode, com a destruição do status quo.



Rubenio Marcelo
É poeta, compositor e crítico, membro efetivo e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Cadeira nº 35) e membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Autor de 12 livros publicados e 3 CDs. Recentemente, lançou o livro "Palavras em Plenitude – prosa e crítica cultural", e o CD musical "Parcerias: na poética de Rubenio Marcelo". É um dos autores homenageados no livro "Vozes da Literatura" (FCMS), reunião de autores contemporâneos. Também advogado e revisor, reside em Campo Grande/MS.

AZUL DEVE SER O SONHO DOS PARDAIS...

há um ardor
e uma dor
em cada pedra
e em cada ruflar de asas...

há o mesmo reino
entre uma formiga
e um morcego
e uma gaivota
mas não há
a mesma melodia nos faróis
quando os mares ofertam
às tardes os mesmos mistérios

antes de entender o sol
azul deve ser o sonho dos pardais...

a poesia
é dor e sal
é dorsal...
leva ao dorso do infinito
o pulsar do girassol
que estava em decúbito...

nenhuma sombra
assombra o silêncio das pedras aladas...

PARTITURAS DE PARDAIS

Apenas quero que me deixes
[em tua tenda branca]
clarear a visão
para levar o graveto caído do bico do pássaro
ao ninho do destino.

quero apenas
saciar o cio da minha sede
no filete indiferente
que azuleja a fonte
e revela o refúgio seguro das pedras...

apenas quero que me olhes
com retinas em partituras de pardais
para que eu me redima
dos passos escassos de horizontes...

quero apenas que me acolhas
que recolhas
as partilhas e contestações
e que me tenhas
em tuas senhas...

apenas
a chama da intuição
– a despretensão de suscitar o fascínio
e o autossacrifício do silêncio

apenas sentir-te sem finitudes
e
encontrar-me...

apenas
quero o sol do teu abrigo,
poema meu!

ROMÃ

A fruta do submundo
é sempre vermelha
suculenta
e a nossa decadência
escorre rosa
pelo braço

o que eu acho
irônico
Perséfone
é que você
dona da primavera
quando ao inferno
desce
no inferno
impera

ponta da caneta
no papel e o
pacto feito
em bilhete só
de ida
e eu
mortal de uma
só vida
escrevo a página e
morro
e vivo na página
escrita

o quão doce é
a romã
quando
irreversivelmente
mordida

CONFISSÃO

estudar as palavras e o não dito
texto e contexto que não bastam

estudar as palavras e sua forma
sintaxe semântica coesão estética

procurar arte na palavra escrita
achar sensação pela forma como é dita

procurar na palavra os pontos fortes
e considerar que talvez sejam fracos

há mais coisas na palavra dita
na palavra escrita na não palavra

há no contexto das palavras demasia
papel áspero em branco e o atrito

confessar a vontade de engolir
as palavras em sua concretude

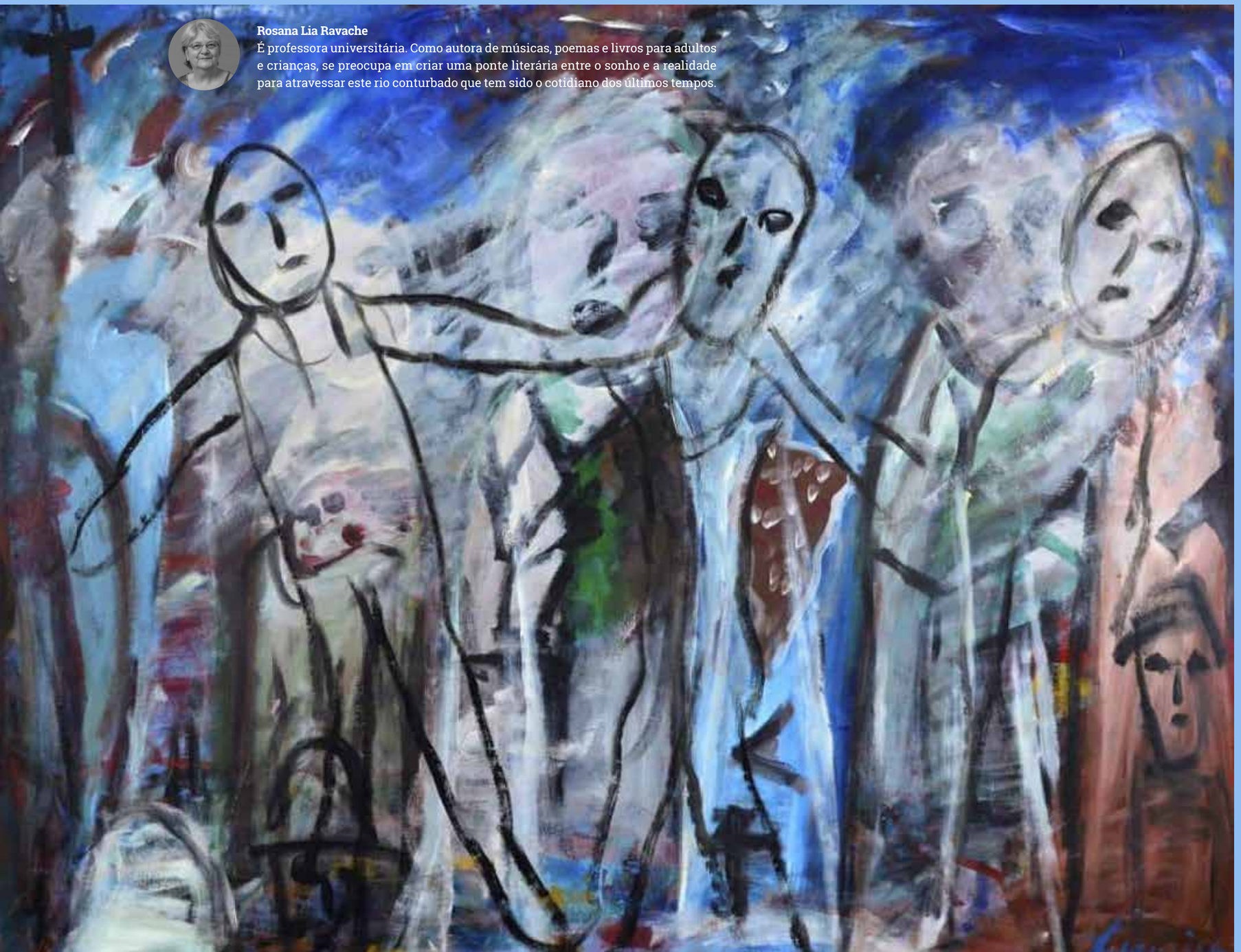
confessar o crime de não estudar
as palavras pelas palavras

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

EMPREGADA

Fui lá ontem, cara. Criei coragem. De férias, burro. Tá todo mundo viajando. Sabia não? De noite ela não trabalha. Tá vindo só de vez em quando fazer faxina. Coloca água, dá ração pros cachorros e vai embora. Ela mesma me disse. Tava só ela na casa. Não acredita? Tava com uma blusa dessas de algodão, tipo camiseta masculina. Um pano bem fininho, saca? Roupa de usar em casa. Tipo dona de casa mesmo, mas bem sensual. Imaginei na hora o que eu faria se tivesse a chance de pôr a mão por baixo da blusa. Aqueles bicões salientes, de que cor seriam? Bem escuros, imagino, porque ela tem a pele morena, os cabelos cacheados. Putz!, cara. Encheria a mão naqueles peitos. Lamberia ela todinha. Vestia um shortinho curto, que deixava pra fora a metade da popa. E os pés então? Pequenininhos. E ela estava descalça. Caminhava na ponta dos pés, com medo de machucar o silêncio. Pra mim, o Ruíter manda ver nela. Sei lá, intuição. Cê não comeria? Baita de um mulherão daquele dando sopa. Entre quinze e dezoito, não sei ao certo a idade dela. Deve ser de maior pra trabalhar em casa de família. Tem razão. Talvez. Não aparenta mesmo. Tenho catorze, e daí? Quem se importa? Tô com o saco cheio de pelo, quer ver? Então não enche, pô. Continuo? Vê se não interrompe. Foi fácil pular o muro. Casa de cohab, tá ligado? É tudo igual. Muro baixinho. Do outro lado é que foi complicado. Do lado da casa do Ruíter tive que subir no pé de manga. Na sombra. Cheio de lodo. E chovendo ainda por cima. Você tinha que ver: me desequilibrei, caí do muro ralando no chapisco. Um baque seco. Em risco de quebrar uma costela. Como sabia que ela tava sozinha? Cumprimento de manhã, quando ela passa. Converso, quando tá varrendo as folhas na varanda. Um mês de butuca só manjando que horas que ela ia sair na porta. Peguei intimidade. Não. O cachorro fica só na frente da casa. No fundo é a lavanderia. Bati na porta da cozinha e ela veio. Me viu todo molhado. Nem surpresa ficou. Fosse moça séria, me mandava embora. Punha pra correr dali. Mas não. Nenhum gesto hostil ou sinal de reprovação. Foi lá dentro. Buscou uma toalha limpa, acredita? E ainda ajudou a me enxugar. Molhei todinho o chão da cozinha. Tira a camiseta, ela sugeriu. Fiquei envergonhado, cê não ficaria? Sou muito magro. Você que tem a mesma idade do que eu e ainda não teve intimidade com mulher, nem imagina o que eu senti. Mulher de verdade mesmo, porra, com peito e um bundão daquele que parece um cupim de nelore. Ofereceu um troço pra comer. Fui ver, era azeitona. Detesto azeitona. Ela ficou fazendo fita deitada no sofá da sala vendo sessão da tarde. Senta, ela disse. Bonita pra burro a casa do Ruíter por dentro, comentei. Ela concordou. Fiquei lá admirando a casa do Ruíter e tentando encontrar um jeito de puxar conversa. A coisa correu mais por conta dela do que por minha, confesso. Ainda sou muito ruim de papo. E acho que acabei encabulando ela com minha falta de assunto. Devo ter ficado uns quinze minutos, no máximo, pois vi o comercial umas três vezes consecutivas. Vou indo nessa, eu falei. Só pra testar. Pra minha surpresa, ela acabou concordando. Perguntou se eu ia voltar pelo mesmo caminho. Acha melhor?, perguntei. Depois de pensar um pouco, sugeriu que eu saísse pela porta da frente. Se alguém me visse? Não dá nada, ela me tranquilizou. Disse que a gente só tava conversando. Afinal de contas, não passou disso mesmo. Tem um cara que vem todo dia 6h pegar ela. Sempre de regata, cheio de tatuagens. Não sei, mas não coloco minha mão no fogo. Qualquer hora eu volto aí, falei ao passar pelo portão. Tá, ela respondeu. Entrando em casa a mãe perguntou aonde que eu tinha andado. Você ri, desgraça. Pra que eu ia mentir? Juro por minha mãe morta. Se tudo der certo, amanhã eu volto lá. De tarde. E dessa vez eu não vou conversar apenas. Cê duvida?

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).



Rosana Lia Ravache
É professora universitária. Como autora de músicas, poemas e livros para adultos e crianças, se preocupa em criar uma ponte literária entre o sonho e a realidade para atravessar este rio conturbado que tem sido o cotidiano dos últimos tempos.

VERA CRUZ

Por quanto tempo ainda teremos viço
Para esperançar (perplexos em ceticismo)
Com o poço da dignidade em nível tão perigoso

Que argumentos para a bandeira moral,
Quando a nacional agasalha a pulha

Em que sarjetas juntar os princípios
E construir parâmetros para justificar
Aos velhos e aos moços
Este universo de impunidades.

O que sossobrará aos filhos
Se os pais envelhecem repetindo,
O que ouviram dos seus pais,
E esse tal futuro, não chega nunca!

Que fazer com a nossa vergonha,
Antes orgulho,
De ter nascido Ilha, de Vera Cruz

Alcançar a Terra de Santa Cruz
E esperançar um brasil na alma

Vera Crucis - Brasil
Nossa alma queima, na fogueira do desrespeito.
Do pai para o filho e do filho para o pai.
Do governante para o governado
E do governado para o governante.

O sangue que escorre da nossa cara
Alimenta a jugular de vaidades
E interesses poderosos

Até quando, nesta vera crucis,
Terei de mentir aos meus filhos
Que devem amar seu País
(apesar das veias secas)

Mentir?
Grande mentira a minha!
Se me revolto com a calhorda,
É por adorar o meu País
(e meus filhos sabem disso)

Um dia, este povo acorda...

A CAMISA BRANCA

Era uma tarde cinzenta de sábado, mês de outubro, o céu dava sinais de que a chuva chegaria em breve. Eu estava dando uma geral no quintal da minha casa que estava entulhado de restos de construção, principalmente madeira que havia sido utilizada nos andaimes na construção de minha casa.

Trabalhei naquilo por algumas horas até que finalmente resolvi parar, eu ainda precisava tomar um banho para posteriormente buscar a minha filha na igreja, ela estava na aula de catequese. Também tinha que ir à missa que começaria logo mais as dezoito horas. Parei com o que eu estava fazendo e fui tomar meu banho rapidamente para não me atrasar, eu usava uma camisa branca durante o tempo que fiz todo o trabalho.

Após terminar o banho peguei uma roupa limpa e vesti uma camisa de cor verde escura. Passei a mão em minha bicicleta e fui buscar a minha filha que talvez já estivesse me aguardando. Pedalei um pouco e depois deixei que a própria inclinação do terreno me levasse até o final da rua. Durante todo o percurso não passei por nenhum veículo estacionado na rua, nem parado, nem em movimento. Quando cheguei à esquina resolvi subir na calçada para só então cruzar a avenida. Usei a área rebaixada do meio-fio e logo já estava sobre a calçada.

Meu susto foi grande quando vi que um carro foi se aproximando do meio-fio e simplesmente fechou a minha passagem, justamente no local onde eu retornaria para a avenida. Fiquei sem entender o que estava acontecendo, foi então que o sujeito desceu do carro e veio em minha direção já me acusando. Ele dizia que eu tinha quebrado o retrovisor do carro dele e que alguém teria que pagar pelo prejuízo. Lógico que esse alguém era eu na sua concepção.

Tentei argumentar que eu não havia passado por nenhum veículo e muito menos batido em algum retrovisor, mas todos os meus argumentos foram inválidos. O homem estava furioso e bastante alterado, no momento pensei em pegar a minha bicicleta e sair correndo. No entanto, do outro lado da avenida a minha filha já me aguardava. Não havia acordo, para o sujeito eu era o culpado e ponto final.

Diante da minha negativa ele disse que era policial e usou isso para me amedrontar. Lógico que conseguiu, fiquei com medo que ele arrancasse uma arma da cintura e me desse um tiro. Não acreditei que realmente ele era um policial, se fosse estava drogado ou bêbado, não agia como uma pessoa da lei, mas sim como um criminoso.

Eu já não sabia mais o que fazer, olhei para o pátio da igreja e pensei em pedir a ajuda de alguns fiéis que já estavam no local. Eu não sabia como me livrar daquela situação e provar que eu era inocente como de fato era.

Foi então que um homem veio do outro lado da rua correndo e disse: não foi ele não. O cara que acertou o retrovisor do seu carro estava usando uma camisa branca.

O sujeito perguntou se o homem tinha certeza e diante disso simplesmente me pediu desculpas. Entrou no carro e saiu louco em direção ignorada tentando encontrar o verdadeiro autor do delito.

Fui salvo por aquele homem que sabia que eu era inocente, mas o que de fato me salvou foi ter trocado a camisa branca que eu usava pouco antes. Foi a minha camisa verde que me salvou, se eu ainda estivesse usando a camisa branca não sei como aquela história teria terminado.

Ainda assustado, cruzei a avenida e peguei a minha filha. Fui para casa e contei o que havia acontecido. Jamais imaginei que uma simples cor de camisa poderia me tirar de uma situação tão difícil como aquela.

Sérgio Alessandro Soares Fragoso
É graduado em Administração, pós-graduado em Gestão universitária. Servidor público da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, desde o ano de 2005. Trabalha na biblioteca do campus de Alta Floresta – MT. Começou a escrever em um blog e publicou alguns livros de informática básica, no ano de 2015 publicou seu primeiro romance de maneira independente e hoje já tem mais de dez histórias publicadas, todas de maneira independente. É membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras – ASCL na qual ocupa a cadeira de número 16.

PINTURA

Com os olhos cansados
Eu a vi pela primeira vez,
O sol pobre me ferindo a retina
Eu a vi, indistinta como um quadro impressionista.

Confundida na paisagem,
Ela foi chegando...
Não sei se chorava, mas estava triste,
Vulto exangue no cinza da cidade.

E quando já podia ouvir o ruído dos seus passos
A sua presença encobriu o sol
E por um suave momento
Bebi a doçura do seu olhar.

Ficou-me, então, a luz da sua presença
E distingui, primeiro, discretos tons de azul
Colorindo o cinza
Até as demais cores tomarem seu lugar
Entre o pastel e o verde
E a terna agressão do vermelho.

Quando ela me abraçou
Ficou-me,
No conforto do calor do seu corpo,
A paisagem sobre seus ombros:
As casinhas encarapitadas no morro da favela
Pareciam sorrir uma tristeza esperançosa
E as chaminés das fábricas
Não conseguiam abater o céu que ainda lutava
Pela linha do horizonte.

Ela se foi,
Mas a pintura ficou.

O JARDIM

(à Rosineide Machado)

Quando um "não" a ameaçava
Ela, então, voltava atrás,
Mas a flor nunca secava
Nesse seu jardim de paz.

Os "nãos", ela ali guardava
Como os "sins" e tudo mais.
Ambos ela cultivava,
Pensando nos roseirais.

Quando caia a chuva fria
Ela sem pensar abria
As asas de serafim

E ao "não" que não sorria,
Ela emprestava alegria
E lhe devolvia um "sim"!

Dante Gatto
Natural de São Paulo-SP, professor aposentado da UNEMAT, colaborador do Programa de Pós-graduação de Estudos Literários. Escreveu e acompanhou a montagem de seis peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo - adaptação* (1995); Retorno ao futuro: a semana de 22 (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). A peça *A noite dentro da noite*, em 1990, recebeu o Prêmio "Textos inéditos do interior. Ano 90" do Projeto "Oswald de Andrade de Dramaturgia", promovido pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. Publicou três livros de poemas: Poesias (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) *e A Ferida e outros poemas* (2015). Publicou vários prefácios e poemas premiados em diversos concursos literários.

Henrique de Medeiros
É escritor, jornalista e publicitário. Natural de Corumbá-MS, estudou em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde se formou em Comunicação Social na Universidade Gama Filho, em 1976. Integrante da Academia Sul Mato-grossense de Letras, atualmente ocupa o cargo de Presidente.

AQUI!

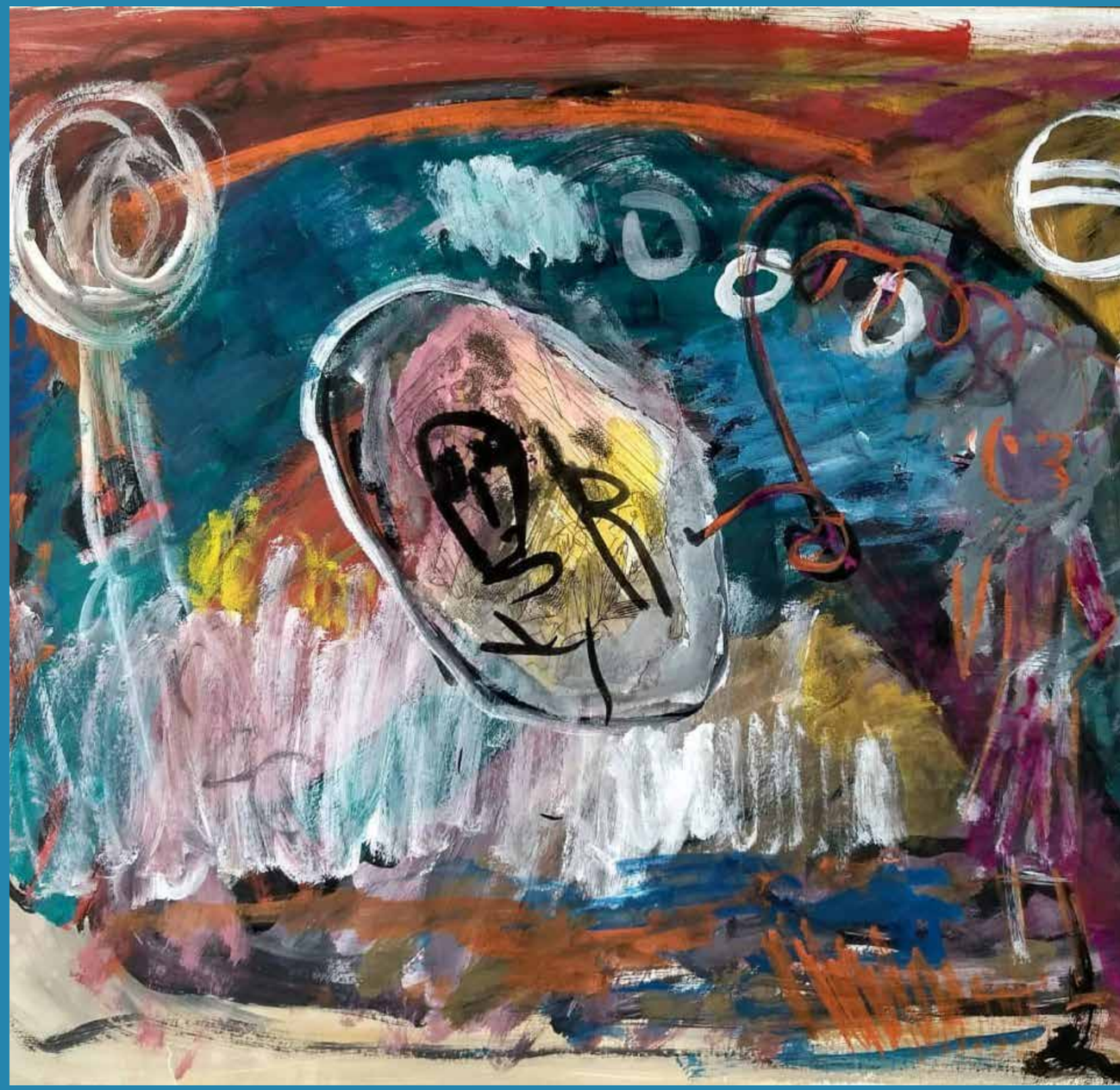
Faço sinal para a vida.
- Aqui estou!
Ela parece não me ver.
Passa como se estivesse ocupada.
Passageiros
a transportar, a deixar, a levar?
Assim,
- Aqui estou!

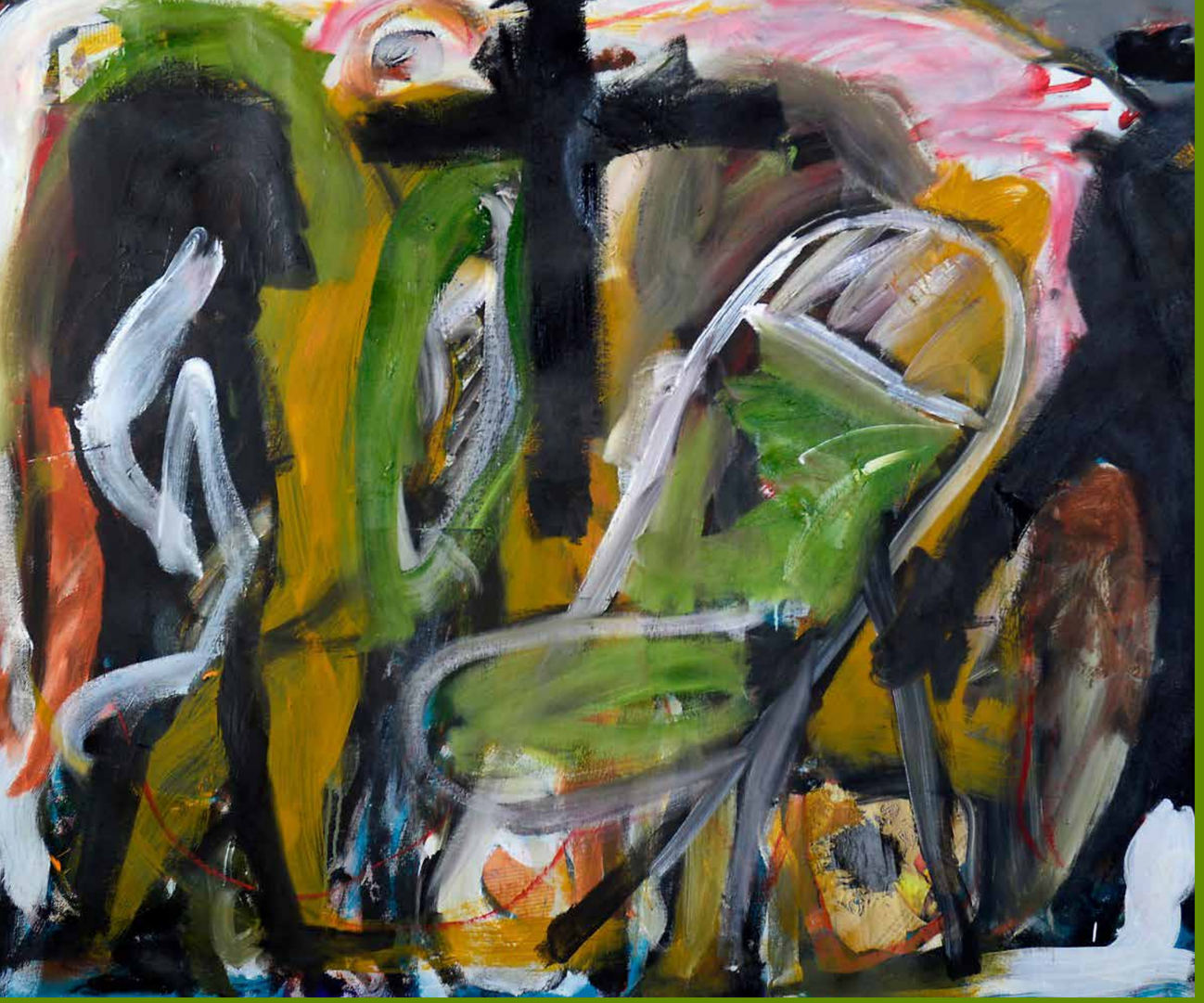
EM EXPANSÃO

o universo está em expansão para algum lugar
mas
para onde
ninguém me perguntou se eu quero
ir ou ficar
tá bom
estou indo
mas
para onde
tá bom
resisto
mas admito:
sou
ser? ou alguma coisa
serei eu daqui e de todos os lugares?
ou de todos os lugares e assim daqui?
mas
o quê?
eu serei
ou terei sido
ou fui
mas
nunca serei
ou serei
sem ter ido
vou
mas
para que
para ser
ou por ter sido
ou nunca ter sido
nas nebulosas
escuras claras frias quentes
o que significa silêncio?

UM NENHUM

quando eu vim
não sei de onde
nem pra onde
mas cheguei aqui
eu era um
hoje não sou mais
nenhum
daquele um
quando eu vim
ok adiante
vou em frente
mas seguir
sem olhar pra trás
é psicopatia
ou sensatez
por aqui são
tantos cérebros
indecifráveis
próximos
mas desuníssonos
tantos e não
conseguem respostas
muitas vezes
nem perguntas fazem
querem sondar o insondável
achar o inalcançável
o olhar de cada um
vê prismas diferentes
o sorriso de cada um
especula encantos matiz
os ouvidos de cada um
ouvem sons distintos
no que se baseia a multifacetagem
encontros plurais
olho e me apequeno
com tantas multidões
serei maior que elas
na minha pequenez
fala um fala dois fala três
quantos pensares
valem frases ou conceitos
alguém tem a resposta
pois quando vim
eu era um
sou nenhum





RESENHA LITERÁRIA

Lucinda Nogueira Persona
Professora, poeta, ocupante da cadeira no 4 da AML

O SALDO DAS LEMBRANÇAS

Ninguém escapa das recordações ou de, num certo momento presente, viajar proustianamente no tempo e filtrar para o futuro o que lá atrás aconteceu. O saldo das lembranças está entre as coisas que mais se agitam em nosso espírito e o caminho natural pode ser o relato, oral, entre as pessoas, no cotidiano fortuito, ou então, vez por outra, esse relato, numa crescente premência, pode desaguar na escrita. Assim, os fatos lembrados alcançam o patamar literário.

Do acontecido recriado emerge o conto num de seus sentidos ou acepções. As reconstruções permitem encontrar no meio das letras a rara mistura de fatos vividos por alguém que tem suas histórias e ao contá-las já não parece que tais histórias sejam suas, pois recordar é flutuar no esgarçado tecido da memória. Recordar é tentar conexão com o desvanecido, com o incorpóreo e impalpável, resultando numa condição diferente e sem a primitiva exatidão do acontecido. Uma exatidão que sofre esfacelamentos e transparece nas palavras da personagem de *Água Viva*, de Clarice Lispector, quando avisa: "Mas agora quero ver se consigo prender o que me aconteceu usando palavras. Ao usá-las estarei destruindo um pouco o que senti – mas é fatal".

Assim compreendendo, a recordação não existe como recuperação fiel de uma experiência vivida, mas como concepção do espírito. A criação estaria relacionada às metamorfoses que a experiência vivida sofre ao longo do tempo. É dentro desses alinhavos que se insere o novo livro de Marta Helena Cocco (Carlini & Caniato Editora, 2016), Prêmio Mato Grosso de Literatura, sob o título: *Não presta pra nada*, fazendo desatar de um novelo inicial seus doze contos, de estilo claro e de proporções delicadas.

A começar pela capa do livro, a oferta pictórica *Colcha de Retalhos* de Capucine Picicaroli, já é um conto portentoso, sugerindo alguns dos elementos essenciais presentes no horizonte narrativo. Nos vivos traços da artista plástica há uma paisagem natural de fundo com um campo de flores, um céu volumoso, densamente azul, os galhos de uma árvore e seus frutos vermelhos e, em primeiro plano, de frente para o observador, uma artesã, rosto batido de sol, tendo às mãos agulha, dedal e longa colcha bordada. De imediato, um pensamento nos assalta – é preciso ter sempre à mão um sonho.

Nos contos de Marta Cocco nota-se a presença constante de mulheres, cada uma com sua história e o sentimento de algo que passou. São narrativas nas quais subsiste o código realista, o referencial de quem não quis se despedir de tudo aquilo que em si é matéria de vida; de quem tem por dentro a recomendação aflita de um pai caminhando para o fim, o motivo de um filho, as inquietações de irmãs, as exigências de uma mãe e "os olhos tristes, fundos e arregalados" de um fantasma. Um contributo particular, mas também geral, porquanto trata daquilo que permeia toda a experiência humana.

O universo ao qual nos remete a autora, nas várias narrativas, é o da família, seus encontros e desencontros, suas luzes e sombras e a forma como essa constelação familiar deixa marcas distintas em cada personagem. Quando observamos essas personagens, na condição fictícia, tudo parece real. Por outro lado, quando as analisamos sob o ângulo de uma realidade, elas navegam estrategicamente no terreno da fantasia. Todas vão bordando de mansinho seus fragmentos de vida.

Através do exercício da memória afetuosa, pois é o afeto que move a escrita, a autora conta coisas gerais e particulares, de um modo preciso, pungente, ajustadíssimo ao espaço infinito da palavra e do bom-gosto, com suas mãos seguras e habilidosas. Tudo muito bem tecido, com timbre contemporâneo, dentro do tempo ideal de cada história, onde o compromisso com a realidade cumpre o papel de elevar a vida naquilo que ela tem de inusitado ou comum, suave ou denso, triste ou alegre, claro ou escuro.

As vozes enunciativas, nos contos, reconstituem os acontecimentos que estão no íntimo, encastoados e persistentes, trazendo-os para a luz e para o ar e dando-lhes a liberdade misteriosa de chegar a outros íntimos, através desse dinamismo horizontal e fascinante da escrita. Tais são as considerações, no momento, sobre o recente e premiado livro de Marta Cocco, que certamente não esgotam todas as suas qualidades. Quanto ao mais, de acordo com os salmos, acabam-se os nossos anos como um conto ligeiro.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

SIUINTYALUSU: ASSOMBRAÇÃO DAS MATAS ESCURAS

São códigos identitários do povo indígena Nambiquara as perfurações do septo nasal e do lábio superior e seus respectivos adornos. Atualmente habita diversas aldeias de um território descontínuo, de ocupação milenar, a Oeste de Mato Grosso e Sul de Rondônia, na Serra do Norte, Vale do Guaporé e Cerrado. Seus mais de trinta grupos possuem particularidades que se fazem presentes em sua cultura material e imaterial.

Os grupos do Cerrado, *Halotesu, Kithãulhu, Sawentesu, Wakalitesu, Niyahlosu, Siwaihsu e Hinkatesu* acreditam na existência de um número surpreendente de seres sobrenaturais, de índoles boa e má. Suas moradas são as montanhas, nascentes d'água, buritizais, brejos, cachoeiras, lagoas e rebojos. Mas, podem sair de seus lugares e confrontar crianças, jovens e adultos em suas casas, nos lugares de caça, de pesca e de coleta.

Dentre os seres sobrenaturais que assustam, perseguem, matam e devoram pessoas está o temido *Siuintyalusu*, ser malfeitor do mundo da noite, da escuridão. De estatura extremamente alta, sua cabeça possui apenas um fio de cabelo, enquanto sobrancelhas, axilas e barba são fartas de pelos. Tem testa estreita, de cor branca, nariz afilado, boca pequena, dentes pretos. Suas mãos possuem dois dedos; seus pés são avantajados e exibem dedões tão grandes que os demais se tornam minúsculos. Partes de seu corpo se assemelham às dos animais: orelhas e braços como as do macaco coatá; pênis como do morcego.

Siuintyalusu, que traz em seu peito uma luz, não pronuncia palavra, grunhido algum. Entidade valente, ainda que não flexione cotovelos e joelhos, consegue andar e voar. É assustador vê-lo tocar o chão com os pés para tomar novo impulso para continuar voando. Somente índios mais experientes conseguem perceber de longe sua presença, quando escutam a movimentação de seu voo ou do balanço dos troncos das árvores que se agitam com seu pouso. Dançarino, exibe sua cabeça com cocar de palha de buriti e seus tornozelos com chocalho de coco, também de buriti. Possui uma *uãru*, flauta, que deve ser vista e ouvida somente pelo *wanintesu*, o pajé. Se outra pessoa escutar adoece e pode morrer, dependendo da doença que contrair.

Casado, com filhos, *Siuintyalusu* gosta de bichos de estimação: cria lagarto, quati, gavião, marimbondo, coatá e cobras pequenas. É à noite que ataca, quando invade aldeias e carrega mulheres, de preferência menstruadas; crianças podem acordar assustadas, por sentirem que o ser sobrenatural está por perto ou por terem sonhando com ele. Nesses casos, mães costumam colocar sua palma da mão sobre a fronte do filho e soprar, da cabeça aos pés.

Pajés poderosos podem espantá-lo ou matá-lo. Espada, machado de pedra, flecha de ponta arredondada ou espingarda são usados pelo pajé para matar *Siuintyalusu*. Mas, é preciso acertar seu peito com espada ou seus joelhos com flechas, únicas partes mortais. Mas, quem pensar que ao morrer, do monstro ficará livre para sempre, está muito enganado! Macacos coatás podem se transformar em *Siuintyalusu* se forem caçados à noite e seus corpos levados para a aldeia para serem preparados e ingeridos. Somente no dia seguinte, com Sol no céu, o animal abatido deve ser recolhido pelo caçador.

Dizem os indígenas que *Siuintyalusu* é o mais perigoso entre todos os seres maléficos que percorrem suas terras. Faz sua casa no oco de grandes troncos das árvores, nas matas escuras. Perigoso andar próximo dessas árvores, porque ele está sempre à espreita. Desce rapidamente e, como um pássaro, agarra a pessoa incauta e a leva para sua casa para devorá-la. Para evitar confrontos com o monstro, o melhor a fazer é ouvir a sabedoria dos pajés que, ao redor das fogueiras acesas, ensinam boas maneiras.

PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA

EDITAL

O Concurso Literário Pixé é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br) e a Editora Carlini e Caniato (www.editoracarliniecaniato.com.br), sem qualquer vínculo público. O objetivo inicial é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado nos sites oficiais da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.

O Prêmio Pixé de Literatura é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br) e a Editora Carlini e Caniato (https://carliniecaniato.com.br), sem qualquer vínculo público. O objetivo é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado no site oficial da Revista Literária Pixé.

1 – As inscrições vão do dia 09 de julho ao dia 23 de outubro de 2019, valendo a data da postagem nos correios. Podem concorrer todos os(as) candidatos(as) que não tenham livros autorais publicados na categoria em que concorram, mato-grossenses de nascimento ou quem comprove residir em Mato Grosso no momento da inscrição. Para efeito de encerramento de inscrições, os organizadores esperarão até o dia 01 de novembro eventuais envelopes retardatários, atrasados e/ou eventualmente extraviados.

2 – O Concurso Pixé de Literatura está dividido em duas fases: a 1ª é a habilitação preliminar e a 2ª, o exame de mérito. Cada candidato(a) deverá enviar por correio à Rua Estevão de Mendonça, 1.650, Morada do Sol, Cuiabá-MT, CEP 78043-405, 1 (hum) envelope grande escrito por fora CONCURSO PIXÉ DE LITERATURA, contendo outros 2 (dois) envelopes menores. Eventuais retificações no presente edital, alterações de calendário por força maior, e todas as demais informações serão publicadas exclusivamente no site da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.

3 – A fim de promover a habilitação preliminar, no 1º envelope o(a) candidato(a) deverá escrever por fora HABILITAÇÃO DO CANDIDATO, contendo somente: cópia de documento de identidade com foto caso mato-grossense de nascimento. Caso o(a) candidato(a) não tenha nascido em Mato Grosso, deverá mandar comprovante de residência ou carteira de motorista, a fim de comprovar suficientemente a residência atual.

4 – O(a) candidato(a) enviará também neste mesmo 1º envelope: uma folha A4, o nome completo, o CPF, o telefone, o e-mail, endereço completo e o codinome usado no texto literário. Indicará, ainda, na mesma folha: os dados bancários completos para o depósito do prêmio, seja pessoal, seja de terceiros.

5 – No 2º envelope, o(a) candidato(a) deverá escrever por fora TEXTO LITERÁRIO e remeter como conteúdo o texto literário em prosa ou poesia, indicando na autoria somente o codinome, a fim de evitar qualquer identificação à comissão julgadora.

6 – O texto em prosa (conto, crônica ou croniconto) deverá estar digitado em letra Times New Roman, fonte 12, espaço simples, tabulação padrão do Word Office, em até 5 (cinco) laudas. O texto em poesia deverá estar no mesmo formato citado anteriormente, com até 2 laudas.

7 – Serão selecionados 10 textos em prosa, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores e 10 (dez) textos em poesia, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores. Caso a organização descubra concomitante ou supervenientemente qualquer publicação de livro autoral impresso ou on-line por parte do candidato(a) até a data do encerramento das inscrições, será este(a) sumariamente eliminado(a), inclusive da classificação e da premiação.

8 – Os textos selecionados como vencedores estarão devidamente destacados pelo Editorial do livro produzido e os 6 (seis) autores(as) vitoriosos(as) serão remunerados(as) em R$ 1.000,00 (hum mil reais) cada, perfazendo a premiação total do PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA em R$ 6.000,00 (seis mil reais).

9 – Todo o projeto gráfico, diagramação e revisão ficará a cargo da Editora Carlini e Caniato, a partir da seleção realizada pela comissão julgadora. O resultado será divulgado no site oficial da Revista Literária Pixé e na respectiva fanpage www.facebook/revistapixe no dia 02 de dezembro de 2019 até às 18h e da mesma forma no site oficial da Editora Carlini e Caniato e na respectiva fanpage www.facebook.com/editoracarliniecaniato.

10 – O livro será lançado num prazo máximo de 120 (cento e vinte) dias depois de divulgado o resultado e será integralmente disponibilizado, sem custos, em modelo PDF para download ao público visitante da publicação virtual. Os organizadores selecionarão artista plástico para ilustrar a publicação.

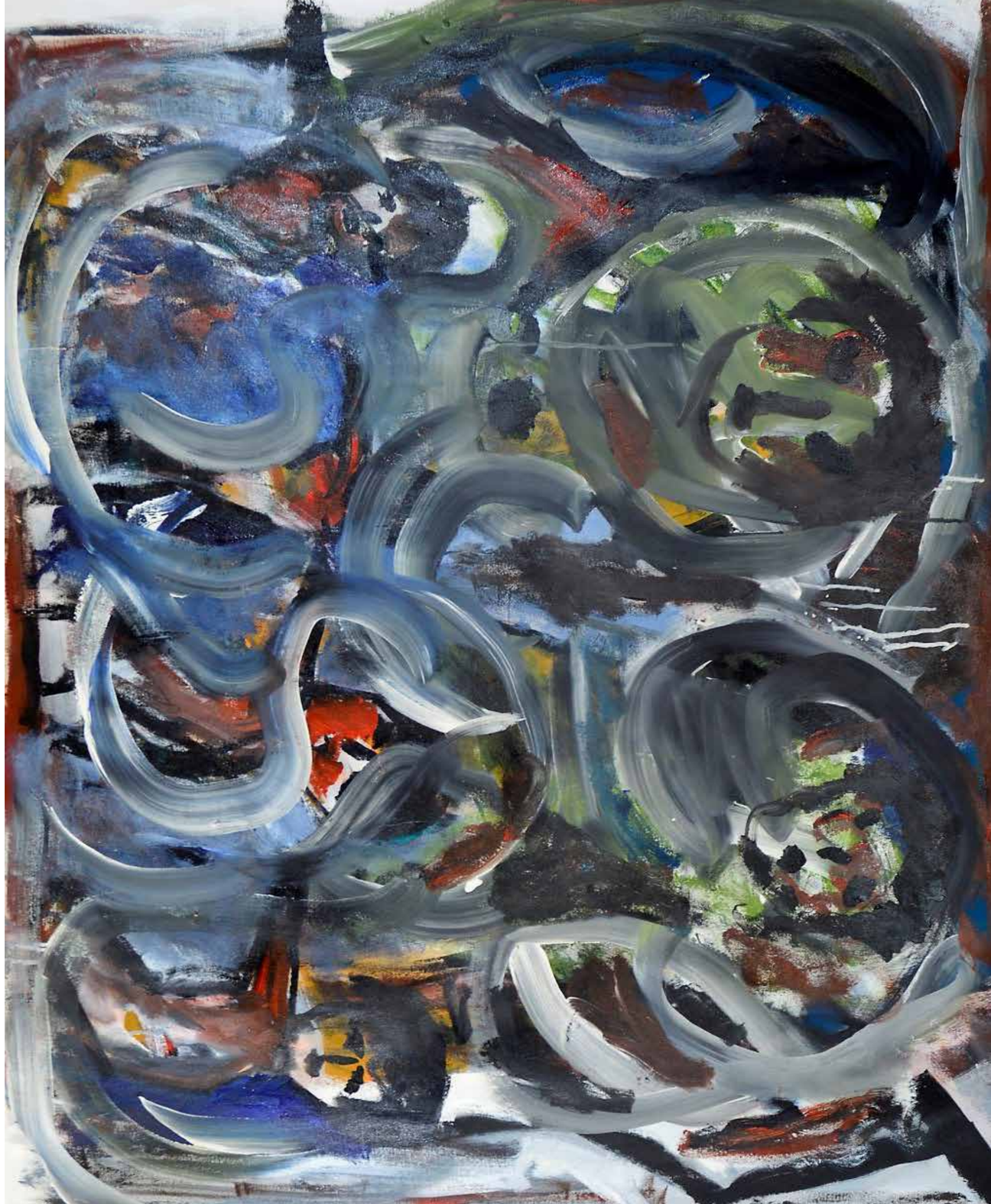
11 – O pagamento do prêmio dar-se-á no mesmo dia da divulgação do resultado por meio de depósito bancário direto. Os organizadores não se responsabilizam face ao erro de informação dos dados bancários fornecidos na inscrição.

12 – Todos os casos referentes à habilitação ou eventuais situações não previstas por este edital serão resolvidos unilateralmente e de forma irrecorrível pelo Editor-Geral da Revista Literária Pixé em conjunto com os Editores da Carlini e Caniato. O julgamento de mérito ficará sob responsabilidade de 3 (três) convidados com ampla experiência em literatura brasileira cujos nomes serão divulgados com o resultado.

13 – Os(as) autores(as) que aderirem ao presente chamamento declaram o expresso conhecimento e a concordância com a publicação do texto, doando todos os direitos autorais sobre o mesmo e não poderão reclamar quaisquer valores financeiros ou reservas legais na divulgação, editoração e publicação, mesmo que seja ela futuramente lançada em meio impresso tradicional e/ou usada de outras formas pelos proponentes do concurso.

14 – A Revista Literária Pixé reserva-se no direito de usar a fotografia de todos(as) os(as) candidatos(as) selecionados(as) na divulgação do resultado, assim como publicar em parceria com a Editora Carlini e Caniato os textos em prosa ou poesia no próprio corpo de uma de suas edições ou em uma edição especial, independentemente de cronologia ou de colocação, de acordo com a conveniência editorial do periódico e/ou da editora.

Cuiabá-MT, 09 de julho de 2019.
Pixé Revista Literária e Calini & Caniato



PHÉ

REVISTA LITERÁRIA